UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

KAUÃ DE SOUZA SILVA

CARTAS PARA PETRINA:
A METODOLOGIA DAS CARTAS COMO PROCESSO DE CRIAÇÃO NO ESPETÁCULO TEATRAL

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2026

KAUÃ DE SOUZA SILVA

CARTAS PARA PETRINA:
A METODOLOGIA DAS CARTAS COMO PROCESSO DE CRIAÇÃO NO ESPETÁCULO TEATRAL

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Colegiado de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe – UFS como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva

São Cristóvão – SE
2026

Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Teatro

ATA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Discente: Kauã de Souza Silva

Título do Trabalho: *Carta para Petrina: a metodologia das cartas como processo de criação n o espetáculo teatral*

No dia trinta de junho de dois mil e vinte e seis (30/06/2026) às quinze (15) horas reuniu-se a ba nca examinadora formada por: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva (orientador e presidente da banca-DTE/UFS), Profa. Dra. Christine Arndt de Santana (DTE/UFS) e Profa. Dra. Neila Cris tina Baldi (Membro Externo/UFSM). Após a apresentação do discente, arguição e avaliação reali zada pelos membros da banca, o trabalho de Kauã de Souza Silva foi considerado aprovado, com a média final 10. Em parecer, a banca destacou a importância da continuidade do trabalho, além de ressaltar o esforço do estudante como dramaturgista, encenador e pesquisador na realização da pesquisa. Vale destacar que, o discente terá como prazo final de 20 dias corridos contados a parti r da data da defesa, a versão definitiva do trabalho deverá ser encaminhada por e-mail à Coorden ação de TCC com cópia para o DTE, com as devidas alterações propostas pela banca em acordo com o orientador.

São Cristóvão, 30 de junho de 2026.

BANCA EXAMINADORA	NOTA	ASSINATURA
Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva (DT E/UFS)	10	Documento assinado digitalmente gov.br CARLOS ALBERTO FERREIRA DA SILVA Data: 02/07/2026 08:49:01-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Profa. Dra. Christine Arndt de Santana (DTE/UFS)	10	
Profa. Dra. Neila Cristina Baldi (UFSM)	10	Documento assinado digitalmente gov.br NEILA CRISTINA BALDI Data: 03/07/2026 21:18:28-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
MÉDIA ARITMÉTICA FINAL	10	

Documento assinado digitalmente
gov.br CHRISTINE ARNDT DE SANTANA
Data: 25/08/2026 15:50:56-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos Av. Mare chal Rondon, s/n – Jardim Rosa Elze – São Cristóvão/SE
E-mail: dte@academico.ufs.br –
Telefone (79) 3194-6994

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas para agradecer que tenho medo de deixar alguém de fora...

Gostaria de agradecer aos meus pais, Ana Maria e Ítalo, por me educarem durante toda a minha vida e por me apoiarem nesta minha fase, na graduação e durante a carreira artística que venho construindo ao longo desta vida. Amo vocês!

Ao meu irmão, que eu tenha sido e seja uma boa inspiração e um exemplo ao longo de nossas vidas.

Às minhas amigas que me acompanham desde o ensino fundamental, Millena, Rayssa e Sara. Que me viram e me acompanharam em meus momentos difíceis com o passar dos períodos.

Aos meus amigos de curso, Ana Beatriz, Edrieli, Humberto, João Vitor, Kayllanne, Larissa, Leuany, Lito, Samantha e Ste. Sem vocês essa graduação teria sido amarga, sem cor. Agradeço por terem me acompanhado e não terem me deixado desistir, mas permanecer e finalizar esta graduação. Graças a vocês, aprendi a graça da coletividade no Teatro.

Agradeço também, a tantos outros amigos que me acompanharam e que surgiram ao longo desta jornada, mas que não foram citados.

Ao meu Orientador, que me acompanha desde o Estágio Supervisionado II, que me ajudou a evoluir e acreditou em mim, em meio ao caos que pode ser uma graduação e uma carreira acadêmica. Obrigado professor Carlos, por não desistir e me incentivar, obrigado por todas as trocas e ensinamentos ao longo deste percurso.

À minha atriz, Lívia Maria, que topou estar nesta jornada tão linda e tão importante para mim. Lívia, lhe ver em cena é pura arte e lhe ver representar Petrina, é comovente.

Há tantos e tantas que perderam alguém importante em suas vidas e não puderam ter uma chance de se despedir.

Aos que assistiram alguma apresentação de *Petra* ou *Cartas para Petrina* e se sentiram atravessados ou se identificaram com este texto tão importante para mim.

E por fim, à minha avó, Petrina Maria de Souza. Obrigado por me inspirar em vida e para além dela. Hoje, posso não ser a pessoa mais religiosa do mundo, mas sei que você era, então espero que esteja me vendo e se sentindo orgulhosa, seja lá onde você esteja. Eu te amo.

SILVA, Kauã de Souza. *Cartas para Petrina:* A Metodologia das Cartas como processo de criação no espetáculo teatral. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva. 2026. 46 p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2026.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de criação do espetáculo *Cartas para Petrina.* Peça biográfica em torno da vida de Petrina Maria de Souza, avó do autor e dramaturgo, e objeto central desta pesquisa. A pesquisa busca compreender de que maneira a metodologia das cartas de Neila Baldi contribuiu para o processo de criação deste espetáculo, trabalhando com uma escrita somática-performativa em formato de cartas ao longo da pesquisa. O estudo é fundamentado em autores que irão discutir a escrita autobiográfica para a cena, a escrita somática, a metodologia cartográfica e o processo de criação, articulando reflexões teóricas ao desenvolvimento da obra. Metodologicamente, este trabalho foi dividido em *cartas*, em que no primeiro tópico dedica-se à apresentação da história de vida de Petrina; o segundo apresenta um levantamento de cartas produzidas por familiares de Petrina, para então, entender como transpor estas cartas para a criação da dramaturgia; e o terceiro discute o processo de criação do espetáculo *Cartas para Petrina*. Os resultados apontam que, através das cartas, foi possível reescrever uma dramaturgia, pois, graças a elas, seus escritores conseguiriam expressar com a escrita o que talvez não conseguissem expressar através da fala. Entendendo então, o poder da escrita somática das cartas para um processo de construção de um espetáculo teatral.

Palavras-chave: Metodologia Cartográfica; Dramaturgia; Somática; Autobiografia; Construção de Cena.

SILVA, Kauã de Souza. *Letters to Petrina: The Letter-Writing Methodology as a Creative Process in Theatrical Performance*. Advisor: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva. 2026. 46 pp. Undergraduate Final Project – Degree Course in Theater, Federal University of Sergipe, São Cristóvão, 2026.

ABSTRACT

This work aims to present the creative process behind the performance *Letters to Petrina*. It is a biographical play centered on the life of Petrina Maria de Souza — the grandmother of the author and playwright — and the core subject of this research. The study seeks to understand how Neila Baldi's letter-writing methodology contributed to the creation of this performance, through the use of somatic-performative writing structured as letters throughout the research process. The study is grounded in theoretical frameworks by authors who discuss autobiographical writing for the stage, somatic writing, cartographic methodology, and the creative process, linking theoretical reflections to the development of the work. Methodologically, this research is organized into three sections framed as letters: the first introduces Petrina's life story; the second compiles letters written by Petrina's family members, exploring how these documents were adapted and translated into the dramaturgical creation; and the third examines the actual creative process of the performance *Letters to Petrina*. The findings show that the letter format made it possible to rework and reshape the dramaturgy, as this form of writing allowed the authors to express thoughts and feelings that might otherwise have remained unspoken. This reveals the powerful role of somatic letter-writing in the development of a theatrical production.

Keywords: Cartographic Methodology; Dramaturgy; Somatics; Autobiography; Stage Construction.

SUMÁRIO

Carta 1: Introdução 7

Carta 2: Quem foi Petrina Maria De Souza? 10

Carta 3: Escritas familiares: das cartas à alteração da dramaturgia 15

Carta 4: Processo de criação de Cartas para Petrina 26

Carta Final 30

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 33

APÊNDICES 34

APÊNDICE A – TEXTO DE PETRA: QUASE MORTA, QUASE ASSASSINA, QUASE INEXISTENTE 34

APÊNDICE B – TEXTO I CARTAS PARA PETRINA 38

APÊNDICE B – TEXTO II CARTAS PARA PETRINA 43

ANEXOS 49

ANEXO A - CARTAS DOS FAMILIARES DE PETRINA 49

Carta 1: Introdução

São Cristóvão, SE, 20 de maio de 2026

Começo a escrita do meu trabalho o introduzindo. Apresento a você, leitor, o meu texto, uma homenagem e um desabafar para minha avó. *Cartas para Petrina* (2026) trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estruturado a partir de um espetáculo, cujo resultado culminou na criação deste Memorial. O trabalho tem como objetivo principal apresentar o processo criativo do espetáculo, trazendo a metodologia das Cartas de Neila Baldi como parte de um trabalho prático e descritivo, mostrando a trajetória de vida de Petrina Maria de Souza, avó do autor, como mote inspirador de criação.

Mas, como consegui chegar a este resultado? Bem, a metodologia do projeto foi dividida em etapas: primeiro, a pesquisa em questão, busca apresentar a história de vida de Petrina Maria de Souza; segundo, compreender a importância de transpor os elementos, relatos, histórias e contextos para a dramaturgia do espetáculo *Cartas para Petrina*[1]*;* terceiro, o contato com as referências bibliográficas: *O que há do lado de lá? Cartas de um dueto da educação somática com o balé clássico* (2014) e *Por um balé somático: cartas sobre o aprenderensinar balé clássico por meio das abordagens de Béziers e Laban/Bartenieff, e do Construtivismo Pós-Piagetiano* (2017) de Neila Baldi[2], *Autoescrituras performativas: do diário à cena* (2014) de Janaina Leite[3], *O discurso da Cumplicidade* (2004) de Ana Pais[4] e o artigo *Reflexões de Si: Experiências de Escrita do Memorial de Formação* (2018) de Luciana de Araújo Pereira[5]. É

[1] A dramaturgia completa do espetáculo está disponível para consulta no Apêndice B deste trabalho (p.34-38).

[2] Doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA. Mestra pelo mesmo programa. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC) e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFSM.

[3] Janaina Leite é atriz, diretora, dramaturgista e pesquisadora. É fundadora do premiado Grupo XIX de Teatro em São Paulo, onde atua e desenvolve trabalhos inovadores focados em autorrepresentação, documentário e autobiografia cênica.

[4] Ana Pais é pesquisadora em artes cênicas (Centro Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), dramaturgista e curadora. É autora do livro *O Discurso da Cumplicidade. Dramaturgias Contemporâneas* (Colibri 2004), *Ritmos Afectivos nas Artes Performativas* (Colibri 2018) e *quem tem medo das emoções?* (2022§). Organizou ainda a antologia *Performance na Esfera Pública* (2017, Orfeu Negro).

[5] Doutora em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), pela Universidade do Estado da Bahia, (2021), Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2014), Educadora Griô (USP/2021), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, pelo Instituto Sul Brasileiro de Pós-graduação e Extensão (2005) e Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2004).

preciso destacar que, como parte das etapas, analisar a dramaturgia do espetáculo *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente* (2024) de minha autoria, tornou-se um importante peça para a confecção desta escrita, o que possibilitou, inclusive, a realização das modificações do seu texto original, resultando em uma nova dramaturgia, *Cartas para Petrina*.

Como parte das etapas metodológicas, além das referências acima apresentadas, foi realizado um levantamento de fotografias de Petrina, utilizado no espetáculo teatral, no intuito de remeter, na encenação, por meio da visualidade da cena, ao passado de Petrina Maria de Souza. Nesse sentido, na escrita deste memorial, essas imagens irão também compor o processo, a fim de envolver o(a) leitor(a) com o contexto e os elementos presentes na encenação. Tais elementos teatrais contribuem para o desenvolvimento da encenação: no trabalho de investigação e criação do figurino, da maquiagem, da cenografia, da dramaturgia e de construção de personagem para a atuação da atriz Lívia Maria[6]. Entendendo a potencialidade de composição dos elementos teatrais, a escrita visa envolver, por meio da leitura, um contato de aproximação com a memória de Petrina.

Para a confecção da escrita deste Memorial utilizou-se como referência os estudos de Neila Cristina Baldi, cuja metodologia de pesquisas de mestrado (2014) e doutorado (2017), utilizaram como abordagem uma escrita através de cartas. Para Baldi,

> Como verás no decorrer das cartas, exponho questões pessoais – quase que como um diário – de modo a que percebas o processo da pesquisa como um todo. Neste sentido, apresento-te sensações corporais, memórias afetivas diversas, de modo a criar também para ti um ambiente somático de leitura. (Baldi, 2017, p. 30).

Em meio aos processos de escrita, opto como abordagem de trabalho, convidar pessoas que tiveram contato direto com Petrina, para que possam escrever cartas, em sua memória. Deste modo, trabalho a exposição de questões pessoais sinalizada por Baldi, através das escritas das cartas destes entes queridos. Filhos, netos, genro e nora fazem parte dessa composição, bem como, a minha carta, endereçada à minha avó. Nessas cartas, percebo um reencontro com Petrina, como um ato pessoal, e como leitor, de algum modo, uma certa curiosidade: o que eles escreveriam para sua mãe/avó/sogra? O que eles acreditam que seria importante de se falar ou de ter falado enquanto ela ainda estivesse em vida? Essas cartas terão, portanto, um papel fundamental para este texto, bem como para o processo de criação da dramaturgia *Cartas para Petrina*.

---

[6] Lívia Maria é atriz desde seus 14 anos de idade e uma amiga próxima. Pelo contato e por conhecer seu trabalho, optei por convidá-la para atuar e dar vida a personagem Petrina.

Por isso, a escrita desse trabalho parte de uma proposta que rompe com a estrutura acadêmica convencional, buscando nas cartas, um encontro, uma resposta, uma lembrança, um suspiro, um afago. Então, relatar o processo criativo, perpassando da dramaturgia à encenação, é um caminho de reviver a memória, mas entendendo-a como parte de criação, envolvendo os elementos teatrais, bem como as dificuldades de se fazer uma escrita e uma encenação a partir de uma pessoa tão próxima e, mesmo com a sua partida, ainda tão viva.

Portanto, este trabalho é composto por *Cartas* e em cada uma delas apresenta-se o contexto, a história, a vida, os atravessamentos, os processos e desafios ao longo do processo de criação.

Carta 2: Quem foi Petrina Maria De Souza?

São Cristóvão, SE, 23 de maio de 2026

Escrevo esta carta sentado em minha escrivaninha. Confesso, estou devaneando e ouvindo o áudio gravado por minha mãe Ana Maria de Souza Silva, filha de Petrina, relatando quem havia sido ela.

Ana Maria, diz:

> Minha mãe, nasceu no ano de 1932 na cidade de Carira–SE, onde ela viveu boa parte de sua vida. Casou-se pela primeira vez ainda jovem, próximo dos 18 anos e teve cinco filhos, Elias de Almeida, Albino de Almeida e Maria Eunice de Almeida, os outros dois faleceram ainda bebês e não foram nomeados. Ela separou-se e casou-se novamente no civil com um viúvo, e com ele teve seis filhos, José Aldino de Souza e eu, Ana Maria, os outros quatro também morreram bebês e não foram nomeados.
>
> Petrina foi agricultora, trabalhou em roça a vida inteira, de onde tirava seu sustento. Eu cresci com Aldino em Carira, junto de Petrina. Nice, a irmã mais velha, morava em Aracaju com a família de Sate. Com 13 anos, ela havia se mudado para morar com essa família e cuidar dos filhos do casal. Enquanto Elias e Albino mudaram-se jovens para morar com o pai deles Jaconías.
>
> Por volta dos anos 90, Nice conseguiu uma casa e trouxe todos nós para morarmos com ela. Aldino foi primeiro, havia ido para estudar, morava com Nice e trabalhava na casa do irmão de Sate, cuidando dele e do local como um caseiro. E eu, fui para Aracaju dois anos antes dos meus pais para estudar.
>
> Um ano depois, Petrina e meu pai, José Venâncio, terem se mudado para morar com Nice, meu pai teve um AVC e após um ano do incidente ele faleceu. Petrina ficou completamente desorientada. Ela não gostava da cidade por sentir falta de seus hábitos de interior e agora sem meu pai ficou mais difícil ainda. Um dia, por volta de 1992, ela arrumou todas as suas coisas em caminhão pau de arara e foi embora para Frei Paulo, não avisou a ninguém. Eu estava na escola e quando cheguei em casa, a vizinha tinha me entregado a chave e um número de telefone. Nós ligamos e era o telefone dela. Ao atender, mãe falou que estava bem, estava feliz e que foi embora porque ela não gostava da cidade e preferia ficar no interior. (Silva, 2026, entrevista)[7]

Como neto, percebo a grandiosidade de minha avó. Uma mulher que cuidou de mim dos 10 aos 14 anos de idade, e que sempre esteve presente em minha vida, antes e depois deste período. Assim, pretendo utilizar destas cartas como um meio para apresentar a história de vida de Petrina e para compreender a importância de transpô-la em cena.

[7] Essa entrevista foi realizada durante uma conversa cotidiana, no dia 18 de maio de 2026, com Ana Maria de Souza Silva, filha de Petrina e mãe do autor.

Ana Maria ainda relata um pouco sobre as mudanças de Petrina durante o período da pandemia da covid-19:

> Em 2020, no auge da pandemia ela estava aterrorizada. Ela tinha medo de estar longe de todos e tinha medo do avanço e das notícias da doença. Ela me contatou e pediu para que eu procurasse uma casa perto de onde eu morava, ela queria voltar para Aracaju. Meses depois, já na nova casa, ela sofreu uma queda e quebrou a tíbia, o que a abalou significativamente. Após esse ocorrido, todos nós, filhos dela, vimos a necessidade de ela não morar mais sozinha, mas sim com um de nós. Assim, ela voltou a morar em sua casa que havia sido construída no terreno de Nice. (Silva, 2026, entrevista)

Foi durante esse processo de mudança relatado por Ana Maria, que começamos a perceber todas as variações de memória e consciência que ela começou a sofrer. Em menos de 4 meses, minha avó foi diagnosticada com a Doença de Alzheimer. De acordo com o Ministério da Saúde:

> A Doença de Alzheimer (DA) é um transtorno neurodegenerativo progressivo e fatal que se manifesta pela deterioração cognitiva e da memória, comprometimento progressivo das atividades de vida diária e uma variedade de sintomas neuropsiquiátricos e de alterações comportamentais[8].

Após melhorar da fratura na tíbia, em 2020, ainda durante a pandemia da covid-19, minha avó, com medo do que estava acontecendo, resolveu pedir a Ana Maria para morar com ela em nossa casa. Em menos de 1 ano, ainda em 2020, a doença avançou drasticamente a ponto de apagar da memória todos nós que morávamos com ela: eu, meu pai Ítalo Santos, minha mãe Ana Maria e meu irmão Viktor de Souza. As únicas pessoas que Petrina se lembrava eram meu tio Aldino, irmão de minha mãe, e minha tia Eunice, a Nicinha, como ela a chamava.

Com todos esses acontecimentos, eu me vi desesperado. Minha avó não me reconhecia mais. Conversar com ela não era mais como antes. Eu levava seu café toda manhã, duas rodelas de batata doce cozida e uma xícara de descafeinado com adoçante, e ela me olhava como se eu fosse um completo desconhecido.

Eu sentia que precisava contar a ela tudo o que pudesse contribuir para suas lembranças, pois ela não se lembrava mais de quem era. Nesse sentido, no intuito de me agarrar nas memórias de Petrina, iniciou-se o processo de criação de *Petra: quase morta, quase assassina,*

[8] BRASIL. Ministério da Saúde. *Alzheimer*. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer. Acesso em: 4 jun. 2026.

quase inexistente, em 2024. Este texto narra as histórias que eu tinha conhecimento a respeito da vida de minha avó, de sua trajetória, de sua personalidade e de seus medos.

A peça *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente* surge como uma forma de narrar e preservar a história de minha avó. No dia 06 de setembro de 2024, na Universidade Federal de Sergipe, aconteceu o Festival Camarim, evento acadêmico produzido pelos discentes e pelos Centros Acadêmicos dos cursos de Artes, sendo eles: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Esse festival tinha como objetivo, reunir e trocar conhecimentos e produções artísticas e científicas desenvolvidas pelos discentes. Nesse ano, aconteceu sua segunda edição e foi nela que o espetáculo se apresentou pela primeira vez.

Foram dois meses de processo de criação: texto, ensaio, vivência, imersão. Já a dramaturgia do espetáculo foi criada em um suspiro, em um fluxo, em um despejar, em uma noite na qual me sentia conectado às memórias de Petrina. A escrita amparada pelas formas de autorrepresentação das histórias de Petrina é construída por registros biográficos dela entrelaçados às imagens e memórias autobiográficas do dramaturgo e neto, de forma que elas vêm se apresentando nas histórias presentes na encenação teatral. Para Janaína Leite em seu texto *Autoescrituras performativas: do diário à cena: as teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea* (2014):

> A ideia de que a vida é uma sucessão de fatos passíveis de serem organizados numa linha cronológica em que todos os eventos seriam mais ou menos acessíveis à consciência se não fosse por uma certa falibilidade da memória, é radicalmente questionada por Freud mas não é suficiente para abalar definitivamente o modelo autobiográfico moderno. Continuamos a tomar a ordem cronológica como uma espécie de ordem natural das coisas e que, portanto, seria a que melhor se adequaria a uma *história de vida*. O fato de que a maioria das autobiografias se assentem sobre o modelo romanesco não impressiona já que é também a partir desse modelo que nós, na maior parte do tempo, contamos a nossa história. (Leite, 2014, p. 29)

Inicialmente, o trabalho surgiu como uma cena expandida, com 15 minutos, apresentando relatos de vida e de história. Na encenação, Petra está sentada em uma cadeira, contando sua vida para o público: quem foi, o que viveu e o que passou por sua vida. Apesar de ser baseada na vida de Petrina, o texto não apresentava essa literalidade. Como também não deixava explícito ao espectador a sua doença, esses relatos de sua história surgiam como uma série de devaneios contados no fluxo de sua memória. Os devaneios surgem na encenação através de repetições da fala “você conhece Zé Miúdo? eu amava muito Zé. Zé Miúdo me

deixou..., mas não foi porque ele quis, não. Acontece que... Zé morreu." (Apêndice A, p. 31)[9], que, ao longo do texto, é repetida três vezes juntamente com movimentações também repetidas, uma coceira nos braços e cabeça e um sorriso distante.

Assim, como parte desta escrita, o Memorial busca articular o processo prático da encenação e de sua dramaturgia com a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. No artigo *Reflexões de si: experiências de escrita do memorial de formação* (2018), Pereira apresenta a seguinte definição de um memorial:

> Trata-se de um movimento que envolve a escrita de si, o exercício de escrita e reflexão da própria história, o que requer um revisitar à memória para a reflexão e seleção das experiências mobilizadoras da composição da tessitura do memorial de maneira que possibilite ao leitor compreender a trajetória de um sujeito em processo de formação. (Pereira et all, 2018, p. 511)

Este memorial é uma escrita calcada na memória. Desde a escolha do tema de minha pesquisa, de se centrar na memória e vida de minha avó Petrina. As pessoas perguntam e indagam: *Petrina havia sido alguém importante para ser homenageada no TCC*? Como pesquisador e estudante, sempre respondia da mesma forma, *não*. Minha avó não foi nenhuma personalidade que marcou a história; minha avó não é e não foi super conhecida; mas minha avó, apenas por ser a minha avó, para mim, tornou-se o ser mais importante na trajetória de minha vida. E, se hoje estou finalizando a graduação em Teatro, ela é o motivo suficiente para ser a peça-chave deste trabalho.

Pereira (2018) destaca a existência de uma "reflexão da própria história" no movimento de escrita de um memorial e eu, como pesquisador, fui atrás dessa história, que não é apenas sobre minha avó, mas sobre algo que também me constitui como ser, artista, dramaturgo, encenador. É a minha autobiografia. Em uma de suas cartas, Baldi (2014, p. 139) relata:

> O fato é que, ao nos narrarmos, nos refletimos, nos questionamos e encontramos muitas respostas que não sabíamos que tínhamos. [...] já usava muito a autobiografia em meus processos de ensino-aprendizagem, é gratificante ver como as memórias e narrativas são importantes como processos formativos. (Baldi, 2014, p. 139)

Narrar a história de minha avó e, ao mesmo tempo, trabalhar na criação de um espetáculo cênico, é mais do que uma homenagem, é preservar a memória e a narrativa como um ato autobiográfico. Nas palavras de Baldi "dizem que quando narramos nossa história,

[9] No Apêndice A deste Trabalho de Conclusão de Curso é possível acessar o texto completo de *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente* (p.30-33).

reelaboramos seus sentidos, questionamos marcas e modelos aprendidos" (2014, p. 22). *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente* não é um adeus, mas uma memória viva, latente e presente: cada vez que entoada, Petrina se materializa no corpo vivo da personagem.

Carta 3: Escritas familiares: das cartas à alteração da dramaturgia

São Cristóvão, SE, 30 de maio de 2026

Ao longo dos meus atuais estudos, principalmente no contato com as referências descobertas neste processo, saliento que, dentre os trabalhos, como mencionado, Neila Baldi chamou-me atenção pela escolha de "uma escrita diferenciada, algo próximo à escrita performativa, e uma apresentação estética também diferenciada: em forma de cartas" (2014, p. 12). Tal proposta metodológica me inspirou a trabalhar com um formato parecido para a escrita deste trabalho. Assim, amparado nessa abordagem, utilizarei da escrita e da proposta para: 1- relatar o meu processo com Petrina e 2- reescrever a dramaturgia da peça *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente*.

No intuito de me aproximar ainda mais da história de Petrina, solicitei a alguns familiares, aqueles mais próximos de minha avó, que escrevessem uma carta para ela. Conversei com cada um dos familiares contatados e, ao todo, obtive oito cartas contando com a minha.

As cartas foram escritas pelas seguintes pessoas: minha mãe, Ana Maria de Souza Silva; meu pai, Ítalo Santos Silva; meu irmão, Viktor de Souza Silva; o meu tio José Aldino de Souza; minha tia Eunice Maria de Souza; além de minha prima Letycia, neta de minha avó, e minha madrinha Camila, esposa de Aldino[10].

Para as cartas, solicitei que eles escrevessem à mão e relatassem algo que eles gostariam de contar à minha avó após seu falecimento. Além disso, os provoquei para que escrevessem uma história ou uma memória que lembraram e que viveram junto, ou não, de minha avó.

Talvez pudéssemos nos perguntar, mas, por que das cartas? Novamente amparado nas palavras de Neila Baldi, cito: "escrevo te cartas porque durante boa parte de minha vida foi por meio da escrita que externei meus sentimentos" (Baldi, 2014, p. 20). Identifiquei-me totalmente com a proposta, pois, durante alguns episódios da minha vida, utilizei de meus poemas, para conseguir expressar meus sentimentos. No poema *Com Ti*, escrito em 2021, coloquei em palavras algumas coisas dedicadas à minha avó.

Com Ti
Há quem me queiras estas assim,

[10] É possível consultar as cartas no Anexo A deste trabalho (p.39-46).

Como ti,
Com ti,
Mas infelizmente, só há algo que possa sentir...
E nessa solidão que tomou conta
Não me quer deixar seguir
Como eu queria estar como ti,
Com ti.
Quando olho para você, me sinto desolado
Sem ânimo,
Desesperado...
Oh senhor, não quero o céu
Não quero o mar,
Tudo que quero
É com ti ficar.
(Silva, 2021)[11]

Este poema foi escrito em 2021, final da pandemia da covid-19, eu estava cursando o Ensino Médio e queria relatar como estava me sentindo distante de minha avó. Ela havia recebido o diagnóstico da Doença de Alzheimer e as variações de memória estavam cada vez mais fortes, foi através da escrita que conseguia me expressar.

É nessa ação de acreditar, que entendi uma possibilidade de contato por meio das cartas. Então, respondendo à pergunta acima: a escolha da carta vem como uma possibilidade de externar em palavras aquilo que está preso e, de algum modo, nunca teve a chance de sair, além disso, introduzir a minha família na proposta foi estender a memória de Petrina.

Após receber todas as sete cartas, optei por não realizar a leitura individualmente. Como encenador do espetáculo *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente,* convidei a atriz Lívia Maria para lermos as cartas e ver como elas nos atravessariam. Naquele momento, a leitura era realizada pelo neto e pelo encenador, de algum modo, duas funções sendo ocupadas num mesmo corpo; para Lívia coube a responsabilidade de dar vida, de algum modo, à memória de Petrina na encenação. Para mim, foi como uma facada. Sim, a sensação de ser atravessado por uma lâmina. Vocês não fazem ideia do que é ler o que meus familiares escreveram sobre Petrina. Pelas cartas, eles conseguiram liberar sentimentos, da alegria à saudade, de tal forma que, convivendo com eles, não imaginaria.

Quanto aos familiares, em alguns momentos, os percebo distantes, não são tão afetuosos, justamente por acreditar que essa rigidez tenha relação com a forma como Petrina os educou. Petrina foi uma mulher de personalidade forte, em *Petra: quase morta quase assassina quase inexistente*, a personagem narra um pouco da personalidade de minha avó, ela diz:

[11] *Com ti* é um poema escrito pelo autor, mas que não foi publicado, foi extraído de seus registros pessoais, em 2021.

> O povo sempre fala que eu sou uma pessoa muito bruta e difícil, e eu sou mesmo, sou valente! Quase decepei a orelha do meu primeiro marido, bati nas putas dele, já briguei muito na rua e com metade dos meus parentes" (Apêndice A, p. 31).

Petrina era geniosa e como o próprio trecho narra, ela era valente! Nesse sentido, eles foram acostumados a não demonstrarem sentimentos com palavras. Porém, ao ler todas essas cartas, pude perceber que, mesmo sendo pessoas com dificuldade de demonstrar seus afetos, eles sentiram e ainda sentem muito a falta dela.

Dentre às sete cartas recebidas, apresentarei, neste momento, três: 1- a carta de Ana Maria, 2- a carta de José Aldino e 3- a carta Maria Eunice. As outras estarão disponíveis nos Anexos (p.39-46).

Carta de Ana Maria

São Cristóvão, SE, 16 de maio de 2026

Olá, minha querida mãe, dona Petrina Maria de Souza, como se chamava e achava seu nome lindo. Mãezinha, quero te falar que desde que a senhora foi morar no céu, a semana santa não foi e nem será mais a mesma. Não comi mais bacalhau porque o meu só prestava quando fazia para comer com a senhora, e tempero igual ao seu não existia. Quanta saudade de seus convites para almoçar e ouvi-la falar "a minha comida está é boa, não é minha filha? Pode comer até encher a barriga".

Ah! Não poderia esquecer de falar da sua alegria, das nossas idas atrás das quadrilhas no São João, das gargalhadas que a senhora dava mangando de algo ou alguém achando engraçado ou feio. Ninguém escapava. Sempre fazia e falava o que queria, não aceitava ser contrariada, ficava com raiva, gritava, mas depois passava, dava risada e tudo voltava ao normal. Era assim que a senhora era, um ser humano único, alegre, conversadeira e especial do seu jeitinho.

Sou grata a Deus por tê-la como minha mãe e principalmente pela oportunidade de cuidar da senhora em sua velhice. Sentia o seu amor quando me chamava de minha nega bonitona, minha filhona bonita e dizia que eu parecia com a senhora. Quantas lembranças maravilhosas e saudades eternas.

Sempre te amei e te amarei enquanto eu viver, minha mãezinha. Cuide de nós aí de cima.

Com todo o amor e carinho, sua filha, Ana Maria.

Após a leitura da carta de Ana Maria, recordei-me de assuntos acerca da vida de minha avó que não me lembrava. Seu temperamento, embora presente no texto, não passava de uma narrativa negativa e dramática. Petrina era mais do que apenas uma pessoa ignorante, orgulhosa e arrogante, ela era uma pessoa contente e com uma alegria que contagiava. Petrina era amante de comidas típicas e dos festejos juninos. A carta de Ana auxiliou a mim, autor do texto teatral,

a escrever e relatar uma personalidade com uma nuance maior de emoções. E um pouco similar a carta de Ana Maria, José Aldino também relata sobre o São João:

Carta de José Aldino

São Cristóvão, SE, 13 de maio de 2026

Mãe,

Escrevo essa carta cheio de saudade, pois a senhora faz falta. Lembro tanto da senhora e de suas inúmeras mudanças kkkk. Nunca parava quieta em um lugar, era a sua cara alugar uma casa depois da outra com um intervalo curto de tempo.

Quando já estava com mais idade, pedi que a senhora voltasse de Carira para Aracaju e a senhora me fez prometer que quando partisse, eu a enterrasse lá em Carira e assim foi feito. Caprichamos em sua morada final, ficou linda do jeito que a senhora queria e merece. Vestida na sua mortalha[12] e com uma linda foto na lápide, com o sorriso solto que ao olhar dá até para ouvir.

No ano passado, todas as festividades foram poucas ou nada comemoradas. Estava tudo recente. Mas esse ano vamos comemorar sua festa preferida! O São João! Será tudo preparado com amor, muita comida típica e fogos de artifício que a senhora amava.

Estamos celebrando missas para a senhora como era seu desejo. Assim, podemos de alguma forma honrar sua memória.

Obrigado por todo ensinamento e amor, mesmo do seu jeito mais "bruto".

Te amo, de seu filho Zé Aldino.

A carta de José Aldino conta de forma cômica os períodos de mudança de Petrina durante sua vida. Assim como apresentado anteriormente por Ana Maria na transcrição de seu áudio. Desse modo, essa parte tão significante da vida de Petrina, assim como os festejos juninos, entrará na escrita do texto teatral como um relato feito pela personagem. Diferente de seus irmãos, Eunice, em sua carta, faz um relato sobre Petrina que inclui a si mesma dentro da história.

Imagem I: Petrina e seu filho José Aldino

[12] Vestimenta tradicional e religiosa utilizada por defuntos como símbolo de humildade e despojamento cristão para garantir salvação da alma.

Fonte: acervo de Ana Maria, 1992.

Carta de Maria Eunice

São Cristóvão, SE, 14 de maio de 2026

27/09/1932 – nasceu minha mãe. Lutou muito, morava nas fazendas e vivia de roça. Levava a gente pequeno para a roça e fazia cabana de folha para a gente não ficar no tempo. E ali mesmo ela cozinhava para gente comer.

Com essa luta toda, éramos felizes. Mãe gostava de ir a feira, para ela era uma festa. Ela entrava no mercado de carne, e eu não entrava por causa de cheiro de sangue. Ela me chamava de fidalga[13]

Um dia, uma dona de um bar pediu-lhe para arranjar uma pessoa para trabalhar em uma casa de família. Ela indicou a vizinha, que acabou desistindo, e aí eu pedi para trabalhar no lugar dela. Minha mãe disse que eu não sabia trabalhar na casa de família rica, mas eu insisti e acabei indo, e ela começou a chorar preocupada. Eu era nova, tinha 14 anos, foi 1978. Eu guardei esta história de luta de minha mãe porque ela venceu. Quando eu mandava dinheiro ela pulava e gritava de alegria. Minha mãe foi um exemplo de vida.

Nicinha.

Após a leitura das três cartas, pude perceber como os escritos dos três filhos foram os mais importantes para compor o texto dramatúrgico. Certamente, as outras cartas também aparecerão no espetáculo com uma narração de fundo, como uma forma de trabalhar os lapsos de memória vividos pela personagem que sofre da Doença de Alzheimer. Entretanto, as cartas

[13] Refere-se a uma pessoa soberba, pretenciosa.

dos filhos são fundamentais, pois “no caso da autobiografia, seu interesse reside, justamente, no fato de que, o que ela nos conta, só o autor pode contar”. (Leite, 2014, p. 26). Para os filhos, essa história é ainda mais importante, pois eles viveram e acompanharam passagens da vida de Petrina que eu não pude acompanhar em sua vida, e a partir das suas escritas, eles integram ao texto também como autores.

Imagem II: Petrina e suas filhas Ana Maria e Maria Eunice

Fonte: acervo de Ana Maria, 1992.

Baldi, em sua carta de número trinta e três, escreve sobre o processo autoformativo das cartas, “Eu não enxergava que elas eram instrumento de análise [as cartas], de pesquisa. Hoje, estou apaixonada por pensar nas memórias e narrativas como processos autoformativos” (2014, p. 134). É notável o quanto esse processo da escrita é importante para esse autoconhecimento. No processo de pesquisa, desenvolvido de alterações na dramaturgia inicial, compreendo a importância de receber esses materiais dos familiares, sobretudo, por ser algo escrito à mão. Era necessário conhecer as histórias de Petrina contadas por outras pessoas e, principalmente, como ela afetou suas próprias histórias, para poder, a partir disso, conseguir criar uma narrativa como um processo autoformativo do espetáculo de minha avó.

A escolha da dissertação *"O que há do lado de lá? Cartas de um dueto da educação somática com o balé clássico"*, de Baldi (2014), justifica-se pelo diálogo profundo que estabelece com a construção deste memorial. Longe de ser um estudo técnico e rígido, o trabalho da pesquisadora investiga como a educação somática pode transformar o ensino do balé clássico na graduação, utilizando uma abordagem cartográfica e (auto)biográfica construída em formato de cartas com suas alunas. Fernandes diz:

> [...] a somática vem justamente resolver a fragmentação entre diferentes formas e áreas do saber, entre prática e teoria, educação e contexto, estética e cura, técnica, criação e performance, experiência e reflexão, e assim por diante, permitindo um campo conectivo entre micro e macropolíticas em diferentes níveis. (Fernandes, 2015, p. 10).

Portanto, conectar esta dissertação a um memorial de graduação em Teatro faz todo o sentido: o trabalho de Baldi exemplifica como a sensibilidade investigativa e o olhar somático humanizam a formação artística, transformando a técnica em um processo vivo, consciente e emancipador. Segundo ela:

> Durante muito tempo senti-me dançando sem alma, mecanicamente, como se não deixasse transparecer a minha essência criativa, expressiva. Ou se preferires, um dos significados de essência é aroma, perfume. É como se dançasse sem ele, movia me, mas sem um algo mais. E, por outro lado, na faculdade, com a educação somática, sentia-me inteira, mas, às vezes sem dança. Como era, então, resgatar a minha dança e ensiná-la e vivê-la com essência? Essa talvez fosse a minha grande busca... Eu não sabia, mas no fundo estava buscando uma dança somáticaperformativa. (Baldi, 2014, p. 20)

Percebo essas dificuldades de Baldi e sua busca por trabalhar a relação de seu corpo e de sua mente juntos, unindo o que o balé clássico lhe oferecia com o ensino somático que aprendera na faculdade. Foi a partir disso que entendi como poderia trabalhar e aproximar os estudos da dramaturgia com o processo somático das cartas. Segundo ela, “o que sentia é um excesso de virtuosismo, sem expressão artística. A mecânica pura e simples” (Baldi, 2014, p. 77). Assim, a autora encontrou na educação somática uma maneira de lidar com a mecanicidade e a enorme cobrança de disciplina que o balé tradicional exigia, que devia ser muito sufocante. Hoje compreendendo que trabalhar com o autoconhecimento e com um tema tão sensível focado em uma pessoa tão importante na minha vida, que faleceu há menos de 2 anos, foi muito difícil. Para realizar o processo de escrita dramatúrgica foi necessário envolver-me somaticamente entre o meu processo pessoal, assumindo-me no processo de dramaturgismo realizado a partir das histórias de Petrina, a ponto de que o processo de criação escancara uma lacuna, um luto, que até hoje está presente em mim.

No processo de criação, especialmente a partir do contato com as cartas dos familiares, propus que a atriz também escrevesse uma carta. Mas, por quê? Bem, não seria a primeira vez que Lívia iria interpretar a personagem Petrina. Em 2024, foi-se criado o espetáculo teatral *Petra: Quase morta, quase assassina, quase inexistente (2024)*, ao qual já foi apresentado ao longo dos anos. Assim, entendo que Lívia Maria já estabeleceu uma relação significativa com a personagem Petrina, construída ao longo da experiência cênica e das sucessivas

apresentações. Essa proposta de trabalhar com a atriz a escrita de uma carta relaciona-se ao propósito de aproximá-la da vida de Petrina, sobretudo, após um laboratório de leitura realizada com as sete cartas. Assim, a escrita de Lívia se soma ao processo de criação.

Carta da atriz Lívia Maria

Aracaju, SE, 31 de maio de 2026

Petrina,

Difícil falar sobre quem não conheci pessoalmente, mas hoje posso dizer que te conheço cada vez mais, a partir das histórias que seus parentes me contaram e agora por conta das cartas que escreveram. Venho aprendendo que a vida não é efêmera como costumamos achar, as pessoas não passam pelo mundo sem deixar marcas, que seja ao menos em uma só, e você marcou e marca até hoje e continuará marcando vidas por aí. Hoje você é história, e histórias não se apagam. Hoje eu interpreto parte de suas vivências com muita dedicação e muito orgulho porque eu e seu neto estamos levando você para o mundo, e se estivesse aqui nesse plano iria ver como as pessoas se conectam, e veem suas avós em você.

Te interpretar é cada vez uma honra maior, é te deixar viva mesmo após sua partida, é viver uma vida que eu, Lívia, não vivo e nunca irei viver, porque somos únicos e vastos. Espero que sinta toda a energia de onde estiver.

Com Carinho,
Lívia Maria.

A partir das cartas recebidas dos familiares, bem como da carta escrita pela atriz à Petrina, percebi a importância de realizar alterações no texto, utilizando do atravessamento das cartas, das histórias e de quem foi Petrina para recompor a dramaturgia. Foi o trabalhar somático de envolver a história, o contexto, o tempo, a vida, que resultou nessa conjugação de escritas. Ana Pais no livro *O Discurso Da Cumplicidade: Dramaturgias Contemporânea* (2004) diz:

> A dramaturgia é uma espécie de enclave ambíguo entre a encenação e o texto. Raras vezes é alvo de um estudo autónomo, independente da encenação, da interpretação ou da escrita dramática. No âmbito acadêmico, a dramaturgia tende a ser anexada à abordagem filológica do texto dramático ou à passagem do texto escrito para o universo da cena. Nas artes performativas contemporâneas, ela vem desafiando as suas fronteiras de atuação e participação na construção do espetáculo. (Pais, 2004, p. 15)

Com essa passagem, compreendo e afirmo: quero uma dramaturgia que pulse com os atravessamentos das histórias de Petrina. Afinal, como sinaliza Ana Pais, a dramaturgia nas artes performativas contemporâneas vem desafiando suas fronteiras tradicionais de atuação e participação na construção do espetáculo, deixando de ser meramente anexada à "passagem do

texto escrito para o universo da cena". Quero que essa nova escrita vá além do ato de redigir uma peça; que ela seja compreendida como uma organização viva de sentidos da cena. Uma escrita que nasce coletivamente com a atriz, tecida pelas percepções de Lívia, em simultâneo com quem a escreve e com os autores das cartas.

Houve um momento, contudo, em que me vi perdido. Precisava retomar minhas anotações, os ensaios, as dissertações, a memória de minha avó. Em uma das leituras de Baldi, deparei-me com um trecho que atravessou diretamente minhas próprias lembranças familiares. Ao narrar a morte de sua avó, a autora escreve: “Tu, simplesmente, não me esperaste... E te fostes, levando o mate doce e deixando na minha boca o gosto amargo do chimarrão” (Baldi, 2014, p. 82). A dimensão afetiva presente nessa escrita fez com que eu percebesse a potência da memória como elemento de criação artística. Foi em meio à leitura de uma das cartas de Baldi que encontrei uma luz. Segundo a autora, “por meio da somática, contar a sua história é um procedimento comum, se revisitar. Do mesmo modo que se formular perguntas ou que responder a perguntas” (2014, p. 139). O problema era que a pergunta não poderia ser feita a mim e nem diretamente à Petrina. Mas poderia ser feita a quem esteve com ela ao longo de sua vida. Recorri à minha mãe: entrevistei-a, questionei-a e, graças a esse diálogo e aproximação, obtive novos enredos para trabalhar na dramaturgia e na cena.

Nessa entrevista, Ana Maria traçou uma espécie de linha do tempo da vida de Petrina, revisitando episódios marcantes de sua trajetória e reconstruindo memórias familiares que, até então, encontravam-se dispersas entre lembranças, silêncios e afetos. Tal procedimento aproxima-se do processo autobiográfico comentado por Leite (2014), em que a autora utiliza fragmentos de sua vivência pessoal como matéria para a criação dramatúrgica. Em sua dissertação, Leite relata um episódio vivido com o pai, que, em decorrência de uma traqueostomia, perdeu a capacidade da fala e passou a se comunicar por meio da escrita. Segundo a autora:

> As conversas ficavam, em parte, registradas nos papeizinhos que ele usava para se fazer entender. Essas frases, tiradas de seu contexto, acumuladas aleatoriamente numa velha caixa de sapatos, me pareciam sugerir um possível ponto de partida para a criação de uma dramaturgia que, como a memória, colocasse o registro do vivido à mercê da complexa relação entre presente e passado, experiência e registro, viver e contar. Eram também a oportunidade para dar início a um processo de busca delicado em relação aos nós de uma história conflituosa entre pai e filha (Leite, 2014, p. 12).

Do mesmo modo, as histórias relatadas por minha mãe tornaram-se ponto de partida para a reformulação da escrita dramatúrgica, uma vez que revelavam não apenas

acontecimentos objetivos, mas também tensões afetivas, ressentimentos, ausências e formas de cuidado que atravessavam a história familiar. Assim como apontado por Leite (2014), a dramaturgia passou a constituir-se na complexa relação entre memória e experiência, entre aquilo que foi vivido e aquilo que pode ser narrado no presente.

Minha avó, como mencionado anteriormente, foi uma figura marcada por conflitos, intrigas e dificuldades nas relações familiares ao longo de sua vida. Em determinado momento, chegou a abandonar Ana Maria, ainda de menor, com seus irmãos em Aracaju para retornar ao interior. Entretanto, ao revisitar essas memórias durante a entrevista, Ana não atribuiu à mãe uma leitura unicamente negativa. Pelo contrário, suas narrativas revelavam uma compreensão atravessada pelas contradições do afeto, evidenciando que a memória familiar não se constrói de maneira linear ou definitiva, mas por meio de camadas de experiências, dores, compreensões e ressignificações. Ela narrou desde o nascimento de minha Petrina, as cidades por onde passou, até as desavenças com entes queridos e amigos. Falou sobre a morte de seu pai, meu avô, e sobre a relação que minha avó mantinha com seus filhos.

A partir dessas novas informações, percebi que boa parte do enredo estruturado poderia permanecer; as histórias convergiam e as lembranças que eu guardava dos relatos de minha avó estavam intactas. O desafio, agora, era acrescentar as cartas, e eu ainda não sabia como.

Foi diante da dificuldade de incorporar essas cartas e de tornar explícito o Alzheimer que surgiu uma ideia, em parceria com Lívia: criaríamos uma Petrina em seu estado mais atual, antes de seu falecimento. Ela tentaria lembrar-se de seus familiares e relataria suas histórias de vida. Ao citar os entes queridos, as cartas surgiriam como fragmentos de memória, os pedaços da mente de Petrina que se esvaíram em decorrência da enfermidade. Elas integrariam o desenho de som do espetáculo, com trechos narrados pelas vozes de quem as escreveu originalmente. Além disso, haveria projeções mapeando os locais por onde Petrina passou, fotos com seus familiares e a exibição de uma das minhas fotos favoritas dela: um de seus raros registros sorrindo.

Imagem III: Petrina em sua chácara em Carira – SE

Fonte: acervo de Ana Maria, 1991

Imagem IV: Petrina em seu aniversário de 89 anos

Fonte: acervo pessoal, 2020.

Após todos esses acréscimos, percebi que a peça pedia um novo nome. Como todo o processo foi fundamentado em correspondências, por que não a chamar de *Cartas para Petrina*? Afinal, as cartas se fazem presentes na cena e toda esta pesquisa desenvolveu-se através delas.

Carta 4: Processo de criação de Cartas para Petrina

São Cristóvão, SE, 31 de maio de 2026

Nesta carta busco apresentar o processo de criação de *Cartas para Petrina,* como parte final deste memorial. Para Cohen, o processo de criação é:

> Como trabalho, tanto no termo original quanto na tradução acumulam-se dois momentos: um, de obra acabada, como resultado, produto; e, outro, do percurso, processo, obra em feitura. Como processo implica iteratividade, permeação; risco, este último próprio de o processo não se fechar enquanto produto final. Estabelece-se, portanto, uma linguagem que se concretiza enquanto percurso/processo e, enquanto produto, obra gestada nesta trajetória. (Cohen, 2006, p. 20-21)

Assim, busco valorizar como o próprio Cohen explica, algo mais do que apenas o texto finalizado, mas sim o processo como um todo. Neste processo de criação, como já sinalizado, eu busco abordar a estética visual da obra através de fotografias selecionadas. Logo, entendo que o espetáculo não nasce completamente definido, ainda mais porque no caso de *Cartas para Petrina* trata-se de uma reescrita, uma reapresentação e uma modificação realizada em um formato de trabalho colaborativo com a atriz do espetáculo.

A proposta realizada em 2026 difere do espetáculo apresentado em 2024 e 2025 pois é uma homenagem que aproxima o espectador da personagem e a personagem das memórias de seus familiares. Como trabalhar uma proposta com uma atriz que tinha um trabalho já realizado e estruturado? Como ativar esses atravessamentos no trabalho de cena com a atriz?

Bem, após a reescrita do espetáculo eu e a atriz focamos nos ensaios. E ao todo, tivemos um total de 10 ensaios quase seguidos durante o final do mês de maio e todo o mês de junho. Nos ensaios, eu e Lívia Maria fizemos trabalhos corporais de respiração. Foquei em não buscar exercícios específicos para trabalhar, mas sim dar ênfase à repetição do texto, devido ao curto tempo. Logo, além da repetição, focamos em ouvir os áudios dos familiares lendo as cartas que eles escreveram. Então, solicitei a Lívia que fosse ouvindo e relatando como se sentia. Trabalhando com a escrita somática, pedi para que ela relatasse esse sentimento para lermos ao final do ensaio. Segunda ela:

> Acho que ouvir as cartas me trouxe uma vontade de entrar em cada relato visualmente e viver aquilo ali, ver e ouvir como ela era. Achei engraçado

> como todos os relatos tinham em comum a brutalidade dela e como isso já era presente na cena, mas que agora pareceu que precisa aumentar essa forma de interpretar o jeito dela, lidar com a vida e as pessoas. Senti um carinho também ao ouvir as cartas dos netos, porque foi ali que acessei a Petrina um pouco carinhosa e fácil de lidar. (Melo, 2026, Relato)[14]

Continuamos, a partir destas impressões acerca dos áudios, trabalhando nas entonações e nuances presentes nas falas do texto *Cartaz para Petrina (2026)*. Trabalhamos um corpo mais enrijecido, levando em consideração o momento mais atual de sua vida, as dificuldades de locomoção, mas com cuidado para não trabalhar uma movimentação caricata.

Seguindo a ideia de uma construção coletiva, ao observar as fotografias, nos deparamos com uma foto de Petrina no interior, segurando um balde e uma roupa comum de seu dia a dia.

Imagem V: Petrina e suas vizinhas a caminho de sua chácara em Carira – SE.

Fonte: acervo de Ana Maria, 1991.

Na tentativa de produzir um figurino que segue a proposta da roupa utilizada por Petrina na fotografia, conversei com minha mãe e separamos algumas das roupas de minha avó que

[14] Relato escrito por Lívia Maria Santos Melo, após ouvir as cartas gravadas pelos familiares, no ensaio do dia 30 de maio de 2026

ainda existiam. Assim, selecionamos uma camisa preta com uma saia plissada branca, igual à da imagem, e uma sandália em seus pés. Para a maquiagem, trabalhamos com o envelhecimento, que foi feita por Stefany Larissa, discente do curso de Licenciatura em Teatro que concordou em auxiliar nesta confecção.

No cenário, decidimos continuar com a mesma proposta já existente. Um cenário simples, apenas com objetos e móveis que remetessem à ideia de uma casa.

Imagem VI: Apresentação do espetáculo *Petra: quase morta, quase assassina, quase inexistente* na 13° da BlitzCultural do grupo teatral Boca de Cena

Fonte: acervo pessoal, 2025

Então, reutilizamos a mesma ideia inicial, cadeiras, bancos, cestos. Dessa vez acrescentaremos uma mesa com uma pequena xícara de café e um prato com algumas rodelas de batata doce cozida, remetendo aos cafés da manhã que a Petrina consumia em suas fases finais de vida.

Por fim, com o figurino, maquiagem e cenário concebidos, definimos cortes das leituras das cartas que entraram como sonoplastia do espetáculo. Nestes cortes, definimos as ideias principais das cartas, os sentimentos dos filhos com sua mãe, uma lembrança ou traço da personalidade de Petrin que estivesse presente na carta. Elas estiveram presentes em momentos

pontuais da cena e ao final, quando é transmitida uma projeção de imagens de Petrina com os membros das famílias que escreveram as cartas a ela.

Ao longo dos ensaios, eu e Lívia percebemos que havia uma lacuna entre a leitura das cartas e o texto atribuído à personagem. Existia um espaço que ainda não conseguíamos preencher e, diante disso, retomamos a leitura das cartas em busca de novas possibilidades para a construção da cena. Durante esse processo, enquanto eu realizava a leitura e Lívia permanecia apenas ouvindo e comentando o material, surgiu a percepção de que sua presença em cena poderia ultrapassar a função de intérprete da personagem. A partir dessa experimentação, compreendemos que seria interessante inseri-la como uma figura que dialogasse diretamente com o público, conduzindo a trajetória de Petrina por meio de comentários e reflexões sobre os acontecimentos narrados. Nos momentos em que a narrativa exigia maior intensidade dramática, Lívia abandonava essa posição de narradora e, por meio da transformação corporal, assumia a presença de Petrina, tornando o corpo mais rígido e permitindo que a própria personagem conduzisse sua narrativa.

Ao final desse processo, constatamos que a dramaturgia havia adquirido uma nova dimensão, passando a ser composta por duas presenças cênicas distintas: Lívia Maria e Petrina, que coexistiam e estabeleciam um diálogo contínuo ao longo da encenação. Essa reorganização dramatúrgica fortaleceu a narrativa do espetáculo e evidenciou que o texto permaneceu em constante transformação durante os ensaios. Como resultado, chegamos a duas versões de Cartas para Petrina: a primeira, elaborada antes do aprofundamento do processo criativo, e a segunda, construída a partir das experimentações cênicas, ambas desenvolvidas de forma colaborativa ao longo dos ensaios e da escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Carta Final

Nestas considerações finais, proponho retomar os principais elementos que cruzaram o contexto da metodologia das cartas no processo de criação, apresentando, sobretudo as principais reflexões.

Entendo que o processo de criação é algo desenvolvido para além da necessidade de um resultado fechado para ser apresentado, trata-se de um trabalho árduo que acontece antes da apresentação. Uma construção, que no caso do espetáculo *Cartas para Petrina*, está permeada em uma estética visual fundamentada em fotografias de Petrina Maria de Souza, avó do autor. Essas fotografias foram responsáveis pela identidade do figurino e ajudaram a somar na encenação do espetáculo. Além das fotografias, as escritas das cartas realizadas pelos familiares mais próximos de Petrina também fizeram parte da construção da dramaturgia biográfica de Petrina. As cartas tornaram possível ao autor e aos familiares conseguirem, através da escrita, expressar da melhor forma questões que não conseguiriam expor através da oralidade. Elas auxiliaram com novos enredos a serem acrescentados dentro do texto e da composição da cena através da sonoplastia, em que as gravações das leituras das cartas pelas pessoas que as escreveram surgem como um momento de devaneio e lembrança da personagem. Para a estrutura desse trabalho, como Baldi, as cartas serviram como uma escrita somática performativa, de modo a perceber na escrita, a exibição de sensações, pensamentos e sentimentos. Assim, facilitando o processo de entendimento da pesquisa como um todo.

Por fim, para concluir este memorial, deixo registrada a minha carta endereçada à Petrina. Junto-me às cartas apresentadas pelos familiares e, também, por Lívia Maria. Então, esta carta finaliza não só essa escrita, mas deixa registrado que a academia é também um espaço vivo e oportuno para mover e propor histórias e conteúdos autobiográficos para a formação da cena teatral e da dramaturgia.

Carta de Kauã Silva, neto, dramaturgo e encenador

São Cristóvão, SE, 13 de maio de 2026

> Olá, vó, se esse encontro fosse pessoalmente, eu lhe daria a benção, como você bem gostava do jeito devoto e católico que era. Quando você faleceu, foi a pior dor que eu pude sentir, mas ainda assim, não doeu tanto quanto achei que doeria, sabia? Acho que talvez porque eu sempre senti que você já havia partido, e ali, só se fazia presente como corpo, e perdê-lo, doeu de qualquer forma.
>
> Você foi minha primeira perda, meu primeiro luto e dói todos os dias. Me sinto culpado por ser o único dentre os quatro que moravam com você a

não estar presente quando você se foi. Eu sempre achei que você partiria enquanto eu não estivesse em casa, pois sabia que seria demais para mim, eu sempre fui muito apegado a você. Você cuidou de mim enquanto eu ainda era um bebê, ajudando minha mãe, sua filha. Cuidou de mim enquanto ainda era uma criança, eu passava meus dias com você em sua casa. E por fim, me viu crescer até, mais ou menos, meus 19 anos. Sei que quando você faleceu eu tinha 20, mas a última vez que você se referiu a mim como seu neto, eu tinha acabado de completar 19, guardo essa lembrança comigo até hoje.

Vó, o que mais me lembro, quando penso em você, é de você prometendo para mim que viveria até poder me ver ou formar ou casar e infelizmente nenhum dos dois foi possível, isso me dói e muito. Queria que você fosse eterna. E por isso, queria te contar que escrevi uma peça em sua homenagem, com todas as histórias que você me contava de sua vida. Acho que você odiaria kkkkkk, diria que não parece em nada com você e teimaria tanto com isso que só confirmaria mais ainda o quão parecido ficou.

Eu sinto sua falta todos os dias, principalmente de cuidar da senhora quando morava em minha casa. Sentia que estava retribuindo todo o cuidado e carinho que a senhora teve comigo em vida lúcida. E além das conversas que a senhora adorava ter comigo, dos nossos momentos de novela que me inspiraram a seguir uma carreira artística que sigo hoje em dia no teatro. Lembro que sua novela favorita era *O Cravo E A Rosa e* que sempre que passava no *vale a pena ver de novo*, você comemorava como ninguém e assistíamos juntos em sua sala. Eu no tapete e você no sofá.

Sinto falta de teu arroz com cominho, de teu feijão preto, de teu frango grelhado, de sua galinha cozida e de você fazendo beiju para eu comer com um delicioso copo de Nescau com leite. Sinto falta de sua risada, de como você reclamava de tudo. Do seu cheiro, dos seus abraços e beijos babados e principalmente, de sua voz. Quase dois anos e eu mal me lembro dela, isso me rasga todo dia.

Hoje você é minha pesquisa, busquei sobre você, separei fotos, pedi para seus filhos, netos, cunhado e nora escreverem sobre você. E sim, vó, até dinda escreveu coisas boas kkkkkk. Você marcou e segue marcando todo mundo. É cômico pensar que pedi que eles te escrevessem cartas, enquanto você, em vida, não sabia ler, e se as recebesse, pediria para que eu ou minha mãe, lêssemos para você. Essas cartas, toda essa pesquisa, essa mudança no texto é uma forma de homenageá-la, mas também de me perdoar. Por não estar contigo em seu último suspiro. Por não ter forças para lhe ver no caixão, no velório e por não estar presente em seu sepultamento. O importante, é que finalizando todo esse memorial, sentindo que me despeço de você de verdade e que agora, você estará eternizada com suas histórias, em minha história, permitindo que nem eu, nem ninguém, nunca as esqueça. Como a própria Petra diz em meu texto: “eu envelheci, narro minha história com muita alegria e uma profunda tristeza. Tristeza por pessoas horríveis que passaram pelo meu caminho, pelas cicatrizes que o interior me trouxe.” (Apêndice A, p.32). E assim, quero seguir fazendo com sua história e com a parceria de Lívia. Narrá-la com muita alegria em saber que ela não será esquecida, mas também com a tristeza de um luto que carregarei eternamente.

Eu te amo do fundo do meu coração
De seu neto Kaã, como às vezes você pronunciava.

Fim.

REFERÊNCIAS

BALDI, Neila Cristina. *O que há do lado de lá? Cartas de um dueto da educação somática com o balé clássico*. 156 pg. 2014. Dissertação (Mestrado) – Escolas de Dança e Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BALDI, Neila Cristina. *Por um balé somático: cartas sobre o aprenderensinar balé clássico por meio das abordagens de Béziers e Laban/Bartenieff, e do Construtivismo Pós-Piagetiano.* 2017. 334 f. Tese (Doutorado) – Escolas de Dança e Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Alzheimer*. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer. Acesso em: 4 jun. 2026.

COHEN, Renato. *Work in Progress na cena contemporânea.* Criação, Encenação e Recepção. São Paulo, Ed. Perspectiva S. A. 1997.

FERNANDES, Ciane. *Quando o Todo é ais que a Soma das Partes:* somática como campo epistemológico contemporâneo. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n 1, p. 9-38, jan./abr. 2015. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/presenca. Acesso em: 19 jun. 2026.

LEITE, Janaina Fontes. *Autoescrituras performativas:* do diário à cena. As teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea. Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Artes Cênicas. São Paulo. 2014.

PAIS, Ana. *O discurso da Cumplicidade*: dramaturgias contemporâneas. Ed. Colibri. Lisboa, maio de 2004.

PEREIRA, Luciana de Araújo. SILVA, Fabricio Oliveira. MOTA, Charles Maycon de Almeida. *Reflexões de Si*: Experiências de Escrita do Memorial de Formação. Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v. 8, n. 2, p. 510-521, jul./dez. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TEXTO DE PETRA: QUASE MORTA, QUASE ASSASSINA, QUASE INEXISTENTE

PETRA - A QUASE MORTA, QUASE ASSASSINA, QUASE INEXISTENTE.
Direção e roteiro: Kauã Souza
Atriz: Lívia Maria

Em um ambiente rústico, com uma mesa e cadeiras de madeira, próximo dali uma bacia com água e sabão e algumas roupas espalhadas pelo local, Petra se aproxima apressada, sempre andava assim, nunca calma, sempre agoniada.

- Olha que peste, nem terminei de ajeitar as roupas, ainda tem essa desgraça para terminar. – **Grita no sentido das crianças** – oh zé Aldino! Você já foi se arrumar para ir com sua irmã para escola? – **devaneando** – essas crianças comem meu juízo mesmo.

- Ai Jesus, José e Maria... – **ri sozinha** – esses meninos ainda vão me endoidar, não me dando a dor de cabeça que meu primeiro marido me deu, já está bom demais. O nome dele era Jaconías, pense num homem bonito, um negão alto, forte, e que eu achei que ia me amar para o resto da vida... tive ainda 8 filhos com ele, 1 morreu ainda novo e outros dois tão por aí pelo mundo... as pessoas acham que viver da roça no interior é fácil, quero ver viver da roça no interior do menor estado do país, na década de 60... não é para qualquer um não.

Concentra-se nas roupas sujas por um breve período, mas logo volta a falar de seu passado.

- Eu amei muito Jaconías, aguentei muito desaforo, muita briga... o tanto que tinha de beleza, tinha de folga, durou mais do que achei que duraria. Saí cedo de casa por causa dele, tudo isso para que um dia, voltando da feira, eu me deparasse com ele e as puta sem vergonha. Não deu outra. Peguei minha peixeira de trás da porta e quase arranquei a orelha dele fora – **dá uma risada longa imitando o movimento da peixeira e volta a falar** – pense numa pessoa que aceitou os desaforos de Jaconías foi eu, mas aceitar ser corna? Ai já é demais – **com raiva, quase furiosa e indignada andando em direção a plateia** – quase arranquei mesmo e faria de novo! Tá achando que é brincadeira, um negócio desse, quase que eu fui assassina.

Volta para o seu banquinho e bacia com roupa suja e sentasse voltando sua atenção para sua tarefa.

- Mas olhe, não se aperrei não viu? Isso não é nada para as coisas que já passei... depois disso, Jaconías me deixou, foi embora ficar com as putas dele, e eu? Casei-me de novo, com Zé Miúdo, esse sim era um homem bom, chamavam ele de Miúdo, porque pense num homi pequeno – **ri** – mas o que tinha de pequeno, compensava na bondade.

Falando enquanto enxagua as roupas – Zé Miúdo sim me amou, ainda tive mais dois filhos com ele, Ana Maria, em homenagem a minha falecida mãe e Zé Aldino, dois filhos muito bons. Vivem me ajudando aqui na roça de casa. E tenho certeza de que vão ter uma vida próspera! Nosso casamento durou dun tanto, mas dun tanto. Que infernizei ele do início até o seu fim.

Pausa para falar, dá uma notícia muito triste, que pesa sua respiração, como se segurasse para chorar – Mas Zé Miúdo me deixou..., mas não foi porque ele quis, não, não. Acontece que... Zé morreu.

Zé faleceu jovem, teve problema no coração, foi parar no hospital, recebeu alta e todo mundo achou que ficaria tudo bem, que já estava melhorando. Mas só foi tempo de morrer em casa. Fui quase morta quando Zé Miúdo me deixou.

- Eu estava dando banho nele com Zé Aldino, saí rapidinho do banheiro para pegar a toalha e só ouvi Aldino gritando e um barulho alto, quando cheguei no banheiro, Aldino gritava dizendo que o "pai morreu, o pai morreu" e eu sem saber o que fazer – **agora chorando** – ele esperou eu sair, para que eu não o visse morrendo na minha frente... – **pausa** – ele sim me amou. Só consigo lembrar do último suspiro que eu o ouvi dando quando cheguei perto da porta, parecia alívio, acho que infernizei ele demais durante vida.

levanta-se e começa a estender a roupa – é meu povo, eu pelejei muito nessa vida. Dos meus onze filhos, eu enterrei quatro, e só cinco eu sei que tão vivo. Nicinha, uma das mais velhas, tinha saído para capital para achar uma vida melhor, e conseguiu, prometeu levar eu, Aninha e Aldino embora, talvez fosse o melhor mesmo, era difícil cuidar da roça só com aqueles dois.

Senta-se na cadeira de madeira, e volta a narrar a história, pega um casaquinho que estava pendurado na mesa e a veste.

- E aí passou uns anos, Nicinha realmente veio, levou a gente embora, mas eu não me habituei na capital, ela construiu uma casinha vizinha da dela para mim e Ana Maria, já Zé Aldino, foi trabalhar de caseiro para um povo rico e Nicinha virou cabelereira de um salão de ricos de um povo que ela considera mais mãe do que eu, a quase morta, quase assassina.

- O povo sempre fala que eu sou uma pessoa muito bruta e difícil, e eu sou mesmo, sou valente! Quase decepei a orelha do meu primeiro marido, bati nas putas dele, já briguei muito na rua e com metade dos meus parentes, mas ainda assim, não consigo me habituar na capital. Passei uns 5 anos ainda, Aninha fez 15, Zé Aldino estava com 18 e Nicinha com 24, e meus outros quatro filhos vivos? Só sei de dois, mas não ligam para mãe que tem, quase como inexistente.

Suspira friamente, se levanta e continua.

- Passou alguns meses e fui embora, aluguei um caminhão de mudança e voltei pro meu interior, levei tudo embora, não deixei, só as coisas de Aninha, veio de interior não foi feito para viver em cidade de capital, mas é nunca! Abandonei Aninha com a irmã, mas para não dizer que sou uma mãe desnaturada, deixei um telefone com a vizinha e o endereço da minha casa no interior,

se quiserem, é só ligar. Eles vão saber se virar sem mim, tem esse povo rico com eles, quem que ia se importar com uma veia quase morta, quase assassina e quase inexistente?

Levanta-se, tira as roupas do varal e continua a história rindo.

- Mas aí, depois de um tempinho, advinha quem voltou? – **cai na gargalhada** – eu mesma! Voltei com o caminhão de mudança e minhas coisas tudo, como se nada tivesse acontecido, não deu certo ficar no interior, mas ainda assim passei 4 anos lá, voltei pros meus filhos e já Tavam tudo de família.

- Hoje em dia, Ana Maria tem dois filhos, e é casada com um homão muito bom. - Aldino tem três filhos, uma menina do primeiro relacionamento, mas se casou e teve um casalzinho de gêmeos, as coisinhas mais lindas.

- E Nicinha, se casou com um homem, mas não teve nenhum filho, se amigou velha para não ficar só!

- E eu envelheci, narro minha história com muita alegria e uma profunda tristeza. Tristeza por pessoas horríveis que passaram pelo meu caminho, pelas cicatrizes que o interior me trouxe. Pelas escolhas erradas que eu fiz na vida, saindo de casa cedo, abandonando meus filhos e perdendo eles desenvolvendo suas famílias, tudo isso para no fim acabar em uma cama de hospital e... – **Quase desesperada** – morrer? Não.

Séria e com raiva, levantando-se da cadeira para falar.

- Eu prefiro morrer de morte matada a morrer definhando em uma cama de hospital! Isso não é vida! Ou o fim dela... É sofrido, você perde você. – **Em tom de desabafo** – Oh Jesus, José e Maria. Será uma maldição? Como hei de morrer? Nos braços de meus filhos? Definhando com a demência de minha idade que me acompanha? No leito de um hospital? Será eu pagando pelos meus pecados?

Senta-se novamente e pensa sobre sua longa jornada.

- Me disseram que eu sou uma velhinha difícil de lidar, isso desde muito nova... já sofri na mão do meu primeiro marido, amei o segundo, mas fiz de nosso casamento um inferno, enquanto ele, bom homem que era, me amou até o fim, fui esquecida por uns filhos e abandonei os que mais precisavam de mim.

- Quase assassina, quase morta, quase inexistente, quase abandonada agora, depois de velha.

- Enterrei quatro, QUATRO FILHOS, dois tão perdidos pelo mundo e só cinco, eu sei de notícia.

Suspira cansada.

- Guardei muito rancor nessa vida, para no fim, dizer para vocês que prefiro morrer a admitir que já estive errada de alguma coisa. Pode ser o pecado que for, que o senhor me castigue, mas

eu não volto atrás. Porque eu sou assim: Rancorosa, velha, grossa, bruta, difícil de lidar, falem o que quiserem, eu não ligo.

- Porque quando eu morrer, já foi, e vocês que vão continuar aí, enquanto mesmo morta, continuarei sendo Petra, quase morta, quase assassina, quase inexistente.

Pega suas roupas já retiradas do varal e sai de cena.

Fim.

APÊNDICE B – TEXTO I CARTAS PARA PETRINA

Cartas para Petrina
Direção e roteiro: Kauã Souza
Atriz: Lívia Maria

Petrina já sentada, em cena, balançando-se na cadeira cantarolando "mãezinha do céu" enquanto o público entra no espaço. As cartas começam a surgir narradas e vão ficando altas até sumirem e ficar o silêncio.

- Oh meu deus, 93 anos... dois maridos, 11 filhos...quem diria? Quando penso em tudo que vivi em toda minha vida, sinto que poderia se tornar uma peça de teatro.

- Aí Jaconías... foi desgraça na minha vida. Aguentei muito desaforo, muita briga... o tanto que tinha de beleza, tinha de folga, durou mais do que achei que duraria. Jaconías foi meu primeiro marido, me casei nova com ele e me mudei para morar. Foi esses casamentos de igreja. Achei que ia viver um romance e tomei foi na cara. Tive cinco filho com ele, desses só viveram três, Albino, Elias e Nicinha, e eu vivia por aí, pelo mundo. Com Jaconías eu vivia na noite, deixava as crianças com minha mãe e saia para beber cachaça.

- Repare, que mãe desnatura. Sai para beber e deixa as crias com os outro? Acredita que era o que Jaconías me dizia? Enquanto eu estava em casa de manhã cuidando da roça, cuidando dos filhos... ele saia para noite e bebia com as putas de esquina e eu não podia sair junto para me divertir? Pois, ele queria que eu ficasse como hoje? Presa?

- Um dia, eu estava ajeitando as coisas, e aí, Jaconías com uma puta sem vergonha, e bebo feito a zorra, chega montado em um cavalo para entrar dentro de casa? Não deu outra. Peguei minha peixeira de trás da porta e quase arranquei a orelha dele fora – **dá uma risada longa imitando o movimento da peixeira e volta a falar** – pense numa pessoa que aceitou os desaforos de Jaconías foi eu. Eu sabia que estava sendo corna, mas querer levar uma das mulheres para dentro de casa? – **pausa** – e um cavalo? – **indignada** – aí já é demais. Quase arrancei mesmo e arrancaria se precisasse... homem encostado.

A voz de Nicinha ao fundo chamando: mãe. A voz surge e aumenta gradativamente, Petrina volta para se sentar e se balançar na cadeira até que responde:

- Nicinha? Cadê você minha fia? Menina, a fala todinha de Nicinha, olha. Oh minha fia, saia dessa família e volte para casa... Pois, e pensar que dos filhos do seu pai Jaconías, hoje eu só tenho contato com você? Porque a croja de seu pai foi embora e as cria que era igual ele, quis ir junto. Umas pestes mermo. Ai... Nicinha, porque você saiu de casa, fia? Eu cuidava tanto de você... te ensinei a costurar, a cuidar da casa... você não era muito boa não... e eu temei com isso e ainda sim... você saiu com 14 anos para ir cuidar da casa de veio banqueiro rico e de mulher parida dele? Mas você era fidalga mermo, queria ser rica sem ser.

- Leitura da carta de Nice como áudio de fundo –

- Mas aí também eu não fiquei sozinha não. Fui atrás de outro e encontrei. Um viúvo, bem vivido, sabe? Era Pequeno? Era pequeno. Mas tinha um coração enorme. José Venancio. O povo chamava de zé miúdo por conta do tamanho, porque pense num homi pequeno – **ri** – mas o que tinha de pequeno, compensava na bondade.

- Zé Miúdo sim me amou, ainda tive mais seis filhos com ele, Ana Maria, em homenagem a minha falecida mãe e José Aldino, os outro morreram ainda bebê, nem cheguei a dar nome. Vivem me ajudando aqui na roça de casa. E tenho certeza de que vão ter uma vida próspera! Nosso casamento durou dun tanto, mas dun tanto. Que infernizei ele do início até o seu fim.

- A bondade de zé era tão grande, mas tão grande, que nunca viu problema em me ajudar a cuidar de Nicinha. Foi como pai. Até que Nicinha foi morar com aquela família de rico e veio foi embora para Aracaju. Zé Aldino disse para mim, que Nicinha ia embora, ia arranjar uma casa, ia conseguir dinheiro e ia levar a gente para capital. Agora imagina eu, que vivi da roça no interior do menor estado do país, desde criança na década de 60... ter que ir morar em peste de capital? – **Pausa** – Pois e não é que eu fui? Fui mais zé miúdo e Nicinha tinha construído uma casinha para a gente bem do lado da casa dela.

Pausa para falar, dá uma notícia muito triste, que pesa sua respiração, como se segurasse para chorar – Mas Zé Miúdo me deixou..., mas não foi porque ele quis, não, não. Zé faleceu jovem, teve problema no coração, foi parar no hospital, recebeu alta e todo mundo achou que ficaria tudo bem, que já estava melhorando. Mas só foi tempo de morrer em casa.

- Eu estava dando banho nele com Zé Aldino, saí rapidinho do banheiro para pegar a toalha e só ouvi um barulho alto e Zé Aldino me gritando "o pai morreu, o pai morreu" e eu sem saber o que fazer – **agora chorando** – ele me esperou sair, para que eu não o visse morrendo na minha frente... – **pausa** – ele sim me amou. Só consigo lembrar do último suspiro que eu o ouvi dando quando cheguei perto da porta, parecia alívio, acho que infernizei ele demais durante vida.

- Ai jesus maria e José... – **suplica olhando para cima, como se pedisse por uma salvação** – minha cabeça tá é fraca... não lembro direito das coisas..., mas lembro que quando Zé miúdo partiu, eu fiquei ariada, toda desorientada. Sentia que minha vida não tinha mais sentido aqui na capital... veio de interior não foi feito para viver em capital não. Terra boa é minha Carira, e não demorou muito não, voltei-me para lá. Aluguei um caminhão pau de arara e voltei para o meu interior. Levei tudo embora, só as coisas de Aninha ficaram por lá. Abandonei Aninha com a irmã, mas para não dizer que sou uma mãe desnaturada, deixei um telefone com a vizinha e o endereço da minha casa, se quiserem, era só ligar. Eles vão saber se virar sem mim, tem esse povo rico com eles, quem que ia se importar com uma veia ruim dessas?

Pausa um pouco longa, meio pensativa, Petrina retorna a falar – Menina e por falar em Aninha... nunca mais vi ela por aqui. Por onde será que anda? Minha negona, minha caçula. A gente sempre se juntava para passar o São João junta, ela me levava para ver as quadrilhas lá no Gonzagão... essa moça que fica aqui, mas eu, me lembra um pouco com ela, mas é meia diferente. Sinto falta de minha fia, casou-se com um homem bom. Teve dois filhos, Kauã e Viktor e ninguém aparece.

- Leitura da Carta de Ana Maria como áudio de fundo –

- Engraçado, até hoje eu fico pensando as vezes, as vozes de meus filhos ficam ecoando aqui oh – **aponta para a cabeça –** e a de Zé Aldino é uma das únicas que consigo escutar. Meu filho vem aqui um mês sim, um mês não. Depois que se arranjou na vida, começou a trabalhar embarcado, veio me visitar em Carira e disse que eu devia voltar para casa. Disse que eu estava veia e tinha que morar perto dos filhos. Zé Aldino era uma figura, mas uma peste também, olhava nos meus olhos e dizia que velho gosta de chão, pois só morre de queda. Veja se eu posso com um negócio desse?

- Leitura da carta de Zé Aldino –

Mas aí eu pensei bem, vi que talvez fosse melhor voltar mermo, estava todo mundo com a vida feita... eu já tinha neto. Zé aldino se casou e teve Três filho, Letycia e dois gêmeos, Pedro e Malu – **trecho da leitura da carta de Camila** - aí com essa doença que estava levando povo e precisava andar com essas mochilas na boca. Pois, fiquei foi com medo.

- Eu envelheci mermo minha gente. E hoje morro de medo de esquecer dessas coisas. Eu olho assim para os lugares e tento lembrar, mas parece que tem uns buracos sabe? Tem um menino que bota café para mim todo dia aqui, tem a mulher que vem dá meu banho e de vez em quando aparece um povo por cá e eu aqui, vendo o sol pela porta, a chuva pela janela e o tempo passar...

- Quem me vê aqui vai pensar que sou doida, conversar com um monte de gente, falando da minha vida sem nem me conhecer? De vera viu. Mas é que tão triste, minha gente. O povo sempre fala que eu sou uma pessoa muito bruta e difícil, e eu sou mesmo, sou valente! Quase decepei a orelha do meu primeiro marido, bati nas putas dele, já briguei muito na rua e com metade dos meus parentes, mas ainda assim, não consigo me habituar na capital. Eu tão aqui por necessidade, tão aqui porque sei agora é o melhor. Não tão mais em idade de ficar de mudança para cima e para baixo como fazia jovem, que mudava a cada mês, ou então de sair por aí brigando de Buscapé com o povo... eu perto da morte, e meu medo mermo é morrer em uma cama de hospital. Já pensou? Eu prefiro morrer de morte matada a morrer definhando em uma cama de hospital! Isso não é vida! Ou o fim dela... É sofrido, você perde você. – **Em tom de desabafo** – Oh Jesus, José e Maria. Será uma maldição? Como hei de morrer? Nos braços de meus filhos? Definhando com a demência de minha idade que me acompanha? No leito de um hospital? Será eu pagando pelos meus pecados?

Suspira cansada.

- Guardei muito rancor nessa vida, para no fim, dizer para vocês que prefiro morrer a admitir que já estive errada de alguma coisa. Pode ser o pecado que for, que o senhor me castigue, mas eu não volto atrás. Porque eu sou assim: Rancorosa, velha, grossa, bruta, difícil de lidar, falem o que quiserem, eu não ligo. Minha vida já não foi fácil. Já não me lembro de muita coisa, essa doença que fica comendo minha cabeça o tempo e ainda assim? Dependendo dos outros?

Pausa um pouco longa, petrina olha ao redor com um olhar distante, tenta reconhecer as coisas e antes de falar, balança-se um pouco na cadeira, cantarola mãezinha do céu, a leitura das cartas surgem e vão ficando mais altas até cessar e então, ela retoma de maneira distante como se estivesse falando para si.

- E Nicinha? Será que ela vai me mandar alguma carta lá de Aracaju? Não sei ler, vou pedir para Aninha lê para eu, foi morar com esse povo rico e nos deixou para lá. Zé aldino diz que

ela volta e leva a gente para morar com ela. Mas velha de interior não foi feita para morar na cidade não. Vish, minha cabeça está é ruim.

As luzes vão diminuindo, petrina fecha os olhos e trechos das cartas vão sendo passadas em áudio. Ela se levanta e caminha um pouco pelo espaço e as fotos começam a se projetar. Ela para no centro do palco e as cartas finalizam, as projeções também, ficando por último, a imagem de Petrina e Kauã, seu neto.

Lívia agradece e a peça se encerra.

Fim.

APÊNDICE B – TEXTO II CARTAS PARA PETRINA

Cartas para Petrina
Direção e roteiro: Kauã Souza
Atriz: Lívia Maria

Lívia debruçada sobre a cama, em cena, organizando as fotos e cartas de petrina enquanto cantarola "mãezinha do céu". Em simultâneo, o público entra no espaço. As cartas começam a surgir narradas e vão ficando altas até sumirem e ficar o silêncio. Ela levanta-se e toma a falar.

Para a foto de Petrina, Lívia fala: Você amava cantarolar essa música para seus filhos e netos, não é?

- Hoje eu queria contar a história de uma pessoa que não conheci, mas que está presente na minha vida e na de vocês. Ela é avó, mãe, mulher, sergipana, bruta. Nascida em Carira, faleceu aos noventa e dois anos. Teve onze filhos e dois maridos. Quando penso em tudo que ela viveu, penso que poderia se tornar uma peça de teatro. ***Expande-se para mostrar o que essa história se tornou.***

- Seu primeiro marido foi Jaconías... ela dizia **–** ***Lívia transfigura-se em Petrina e fala -*** "Jaconías foi desgraça na minha vida. Aguentei muito desaforo, muita briga... o tanto que tinha de beleza, tinha de folga, durou mais do que achei que duraria."

Ela retorna a Lívia e continua – Ela se casou nova, aos 18 anos se casou com Jaconías em um casamento de igreja. Com ele, ela teve cinco filho, mas desses cinco só sobreviveram três, Albino, Elias e Nicinha. Com Jaconías ela vivia na noite, deixava as crianças com a mãe dela e saia para beber cachaça.

Vira-se de costas e fala de forma explosiva o início da próxima fala.

- Repare, que mãe desnaturada. Sai para beber e deixa as crias com os outro? Acredita que era o que Jaconías dizia a ela? Enquanto ela estava em casa de manhã cuidando da roça, cuidando dos filhos... ele saia para noite e bebia. Enquanto ela não podia sair junto para se divertir? **–**

Lívia dá uma leve pausa em tom debochado e continua - Coragem dele contrariar a ira de Petrina e bater de frente.

- No meio dessas pesquisas, eu descobri que um dia, Petrina estava ajeitando umas coisas em casa, e cuidando de seus filhos, Jaconías apareceu bêbado e com uma rapariga de esquina querendo estrar dentro da casa deles montado em um cavalo. Pois não deu outra. ***– Lívia transfigura-se novamente em Petrina e torna a falar -*** Peguei minha peixeira de trás da porta e quase arranquei a orelha dele fora – **dá uma risada longa imitando o movimento da peixeira e volta a falar** – pense numa pessoa que aceitou os desaforos de Jaconías foi eu. Eu sabia que estava sendo corna, mas querer levar uma das mulheres para dentro de casa? – **pausa** – e um cavalo? – **indignada** – aí já é demais. Quase arrancei e arrancaria mesmo se precisasse... homem encostado.

A voz de Nicinha ao fundo chamando: mãe. A voz surge e aumenta gradativamente, Petrina volta para se sentar e se balançar na cadeira até que responde:
- Nicinha? Cadê você minha fia? Menina, a fala todinha de Nicinha, olha. Oh minha fia, saia dessa família e volte para casa... Pois, e pensar que dos filhos do seu pai Jaconías, hoje eu só tenho contato com você? Porque a croja de seu pai foi embora e as cria que era igual ele, quis ir junto. Umas pestes mermo. Ai... Nicinha, porque você saiu de casa, fia? Eu cuidava tanto de você... te ensinei a costurar, a cuidar da casa... você não era muito boa não... e eu temei com isso e ainda sim... você saiu com 14 anos para ir cuidar da casa de veio banqueiro rico e de mulher parida dele? Mas você era fidalga mermo, queria ser rica sem ser.

- Leitura da carta de Nice como áudio de fundo –

Enquanto a carta passa ao fundo Lívia vai retirando o figurino e voltando a sua personagem de Lívia.

- Nicinha foi uma figura muito importante na vida de Petrina. Ela escreveu essa carta a ela. Além de muitas outras que ela enviou antes de ir morar com a família rica, como Petrina fala. E mesmo sendo semianalfabeta, ela recebia as cartas e pedia para terceiros as lerem.

- Depois que Jaconías foi se embora, Petrina casou-se novamente. Ela encontrou um viúvo, bem vivido, sabe? Ela Dizia - **Transfigura-se para petrina -** Era Pequeno? Era pequeno. Mas tinha

um coração enorme. José Venancio. O povo chamava de Zé Miúdo por conta do tamanho, porque pense num homi pequeno – **ri** – mas o que tinha de Miúdo, compensava na bondade. Zé Miúdo sim me amou, ainda tive mais seis filhos com ele, Ana Maria, em homenagem a minha falecida mãe e José Aldino, os outro morreram ainda bebê, nem cheguei a dar nome. Eles dois vivem me ajudando aqui na roça. E tenho certeza de que vão ter uma vida próspera! Eu mais Zé Miúdo, a gente casou e o nosso casamento durou dun tanto, mas dun tanto. Que infernizei ele do início até o seu fim.

- A bondade de Zé era tão grande, mas tão grande, que nunca viu problema em me ajudar a cuidar de Nicinha. Foi como pai. Até que Nicinha foi morar com aquela família de rico e veio foi embora para Aracaju. Zé Aldino disse para mim, que Nicinha ia embora, ia arranjar uma casa, ia conseguir dinheiro e ia levar a gente para capital. Agora imagina eu, que vivi da roça no interior do menor estado do país, desde criança na década de 60... ter que ir morar em peste de capital? – **Pausa** – Pois e não é que eu fui? Fui mais Zé Miúdo e Nicinha tinha mesmo construído uma casinha para a gente bem do lado da casa dela.

Pausa para falar, dá uma notícia muito triste, que pesa sua respiração, como se segurasse para chorar – Mas Zé Miúdo me deixou..., mas não foi porque ele quis, não. Zé faleceu jovem, teve problema no coração, foi parar no hospital, recebeu alta e todo mundo achou que ficaria tudo bem, que já estava melhorando. Mas só foi tempo de morrer em casa.

- Eu estava dando banho nele com Zé Aldino, saí rapidinho do banheiro para pegar a toalha e só ouvi um barulho alto e Zé Aldino me gritando *"o pai morreu, o pai morreu"* e eu sem saber o que fazer – **agora chorando** – ele me esperou sair, para que eu não o visse morrendo na minha frente... – **pausa** – ele sim me amou. Só consigo lembrar do último suspiro que eu o ouvi dando quando cheguei perto da porta, parecia alívio, acho que infernizei ele demais durante vida.

- Ai Jesus, José e Maria... – **suplica olhando para cima, como se pedisse por uma salvação** – minha cabeça está é fraca... não lembro direito das coisas..., mas lembro que quando Zé Miúdo partiu, eu fiquei ariada, toda desorientada. Sentia que minha vida não tinha mais sentido aqui na capital... velho de interior não foi feito para viver em capital não. Terra boa é minha Carira, e não demorou muito não, voltei-me para lá. Aluguei um caminhão pau de arara e voltei para o meu interior. Levei tudo embora, só as coisas de Aninha ficaram por lá. Abandonei Aninha com

a irmã, mas para não dizer que sou uma mãe desnaturada, deixei um telefone com a vizinha e o endereço da minha casa, se quiserem, era só me ligar. Eles vão saber se virar sem mim, tem esse povo rico com eles, quem que ia se importar com uma veia ruim dessas?

- Transfigura-se novamente para Lívia - Petrina está tão viva em cada um de nós, que esse sentimento de perda e confusão, é como se eu tivesse perdido alguém. Zé miúdo era muito próximo e querido por Petrina. E a falta dele fez-se presente até perto de sua morte.

- Até pouco antes de seu funeral, Petrina era próxima de apenas três de seus cinco filhos vivos: Nicinha, Ana Maria e Zé Aldino. Ana se casou e teve dois filhos, Kauã e Viktor. Ela cuidou de sua mãe até em seu último suspiro e perder petrina é uma dor que fica mais intensa no São João, porque elas costumavam ir sempre ver as disputas de quadrilha no Gonzagão.

- Leitura da Carta de Ana Maria como áudio de fundo –

- E José Aldino, em? Depois de cuidar do irmão da família que trouxe Nicinha para capital. Ele começou a trabalhar embarcado como assistente de cozinha. E aí, ele visitava a mãe uma vez por mês. E assim como Aninha, também se casou e teve filhos, Letycia de seu primeiro casamento e Pedro e Malu, os gêmeos de seu segundo casamento.

- **Leitura da carta de Zé Aldino como áudio de fundo –**

Última transfiguração de Lívia para Petrina.

- Eu envelheci mermo minha gente. E hoje morro de medo de esquecer dessas coisas. Eu olho assim para os lugares e tento lembrar, mas parece que tem uns buracos sabe? Tem um menino que bota café para mim todo dia aqui, tem a mulher que vem dá meu banho e de vez em quando aparece um povo por cá e eu aqui, vendo o sol pela porta, a chuva pela janela e o tempo passar...

- Quem me vê aqui vai pensar que sou doida, conversar com um monte de gente, falando da minha vida sem nem me conhecer? De vera viu. Mas é que tão triste, minha gente. O povo sempre fala que eu sou uma pessoa muito bruta e difícil, e eu sou mesmo, sou valente! Quase decepei a orelha do meu primeiro marido, bati nas putas dele, já briguei muito na rua e com metade dos meus parentes, mas ainda assim, não consigo me habituar na capital. Eu tão aqui

por necessidade, tão aqui porque sei agora é o melhor. Não estou mais em idade de ficar de mudança para cima e para baixo como fazia jovem, que mudava a cada mês, ou então de sair por aí brigando de Buscapé com o povo...

- E eu agora aqui, perto da morte, meu medo mesmo é morrer em uma cama de hospital. Já pensou? Eu prefiro morrer de morte matada a morrer definhando em uma cama de hospital! - **Em tom de desabafo** – Oh Jesus, José e Maria. Será uma maldição? Como hei de morrer? Nos braços de meus filhos? Definhando com a demência de minha mente que me acompanha? Será que vou morrer no leito de uma cama de hospital? Será eu pagando pelos meus pecados? Isso não é vida, não! Ou o fim dela... É sofrido, você se perde de você.

Suspira cansada.

- Guardei muito rancor nessa vida, para no fim, vir aqui dizer para vocês que prefiro morrer a admitir que já estive errada de alguma coisa. Pode ser o pecado que for, que o senhor me castigue, mas eu não volto atrás não. Porque eu sou assim: Rancorosa, velha, grossa, bruta, difícil de lidar, podem falar o que quiserem que eu não ligo. Minha vida já não foi fácil. Já não me lembro de muita coisa, essa doença que fica comendo minha cabeça o tempo e ainda assim? Fico dependendo dos outros?

Pausa um pouco longa, petrina se senta na cama e recolhe uma das fotos e olha para ela, a leitura das cartas surgem e vão ficando mais altas até sessar e então, ela retoma de maneira distante como se estivesse falando para si. Ela olha ao redor com um olhar distante, tenta reconhecer as coisas e antes de falar.

- E Nicinha? Será que ela vai me mandar alguma carta lá de Aracaju? Não sei ler, vou pedir para Aninha lê para eu. Ela foi morar com esse povo rico e nos deixou para lá. Zé Miúdo diz que ela volta e leva a gente para morar com ela, eu falei com Zé ontem. Mas velha de interior não foi feita para morar na cidade não - ***Pausa –*** Oxente, Zé Miúdo? Vish, minha cabeça está é ruim.

As luzes vão diminuindo, petrina fecha os olhos e trechos das cartas vão sendo passadas em áudio. Ela se levanta e caminha um pouco pelo espaço e as fotos começam a se projetar. Ela para no centro do palco e as cartas finalizam, as projeções também, ficando por

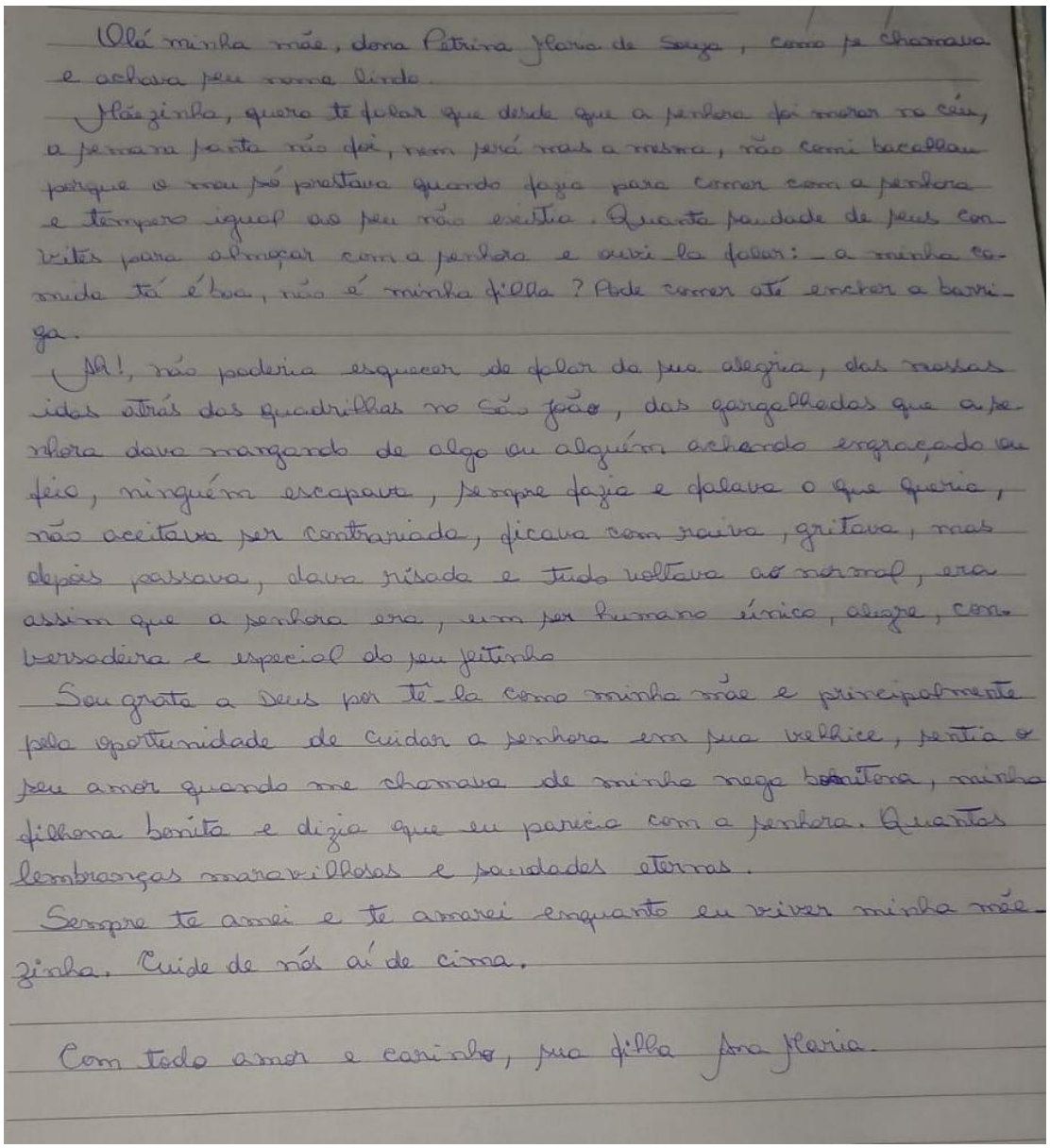
último, a imagem de Petrina e Kauã, seu neto. Petrina está sentada em sua cadeira da mesma forma que no início e ao fundo, o áudio da leitura da carta de Lívia Maria.

Fim.

ANEXOS

ANEXO A - CARTAS DOS FAMILIARES DE PETRINA

Carta de Ana Maria, filha:



Olá minha mãe, dona Petrina Maria de Souza, como te chamava e achava seu nome lindo.

Mãezinha, quero te falar que desde que a senhora foi morar no céu, a semana santa não foi, nem será mais a mesma, não comi bacalhau porque o mau só prestava quando fazia para comer com a senhora e tempero igual ao seu não existia. Quanta saudade de seus conselhos para abraçar com a senhora e ouvi-la falar: - a minha comida tá é boa, não é minha filha? Pode comer até encher a barriga.

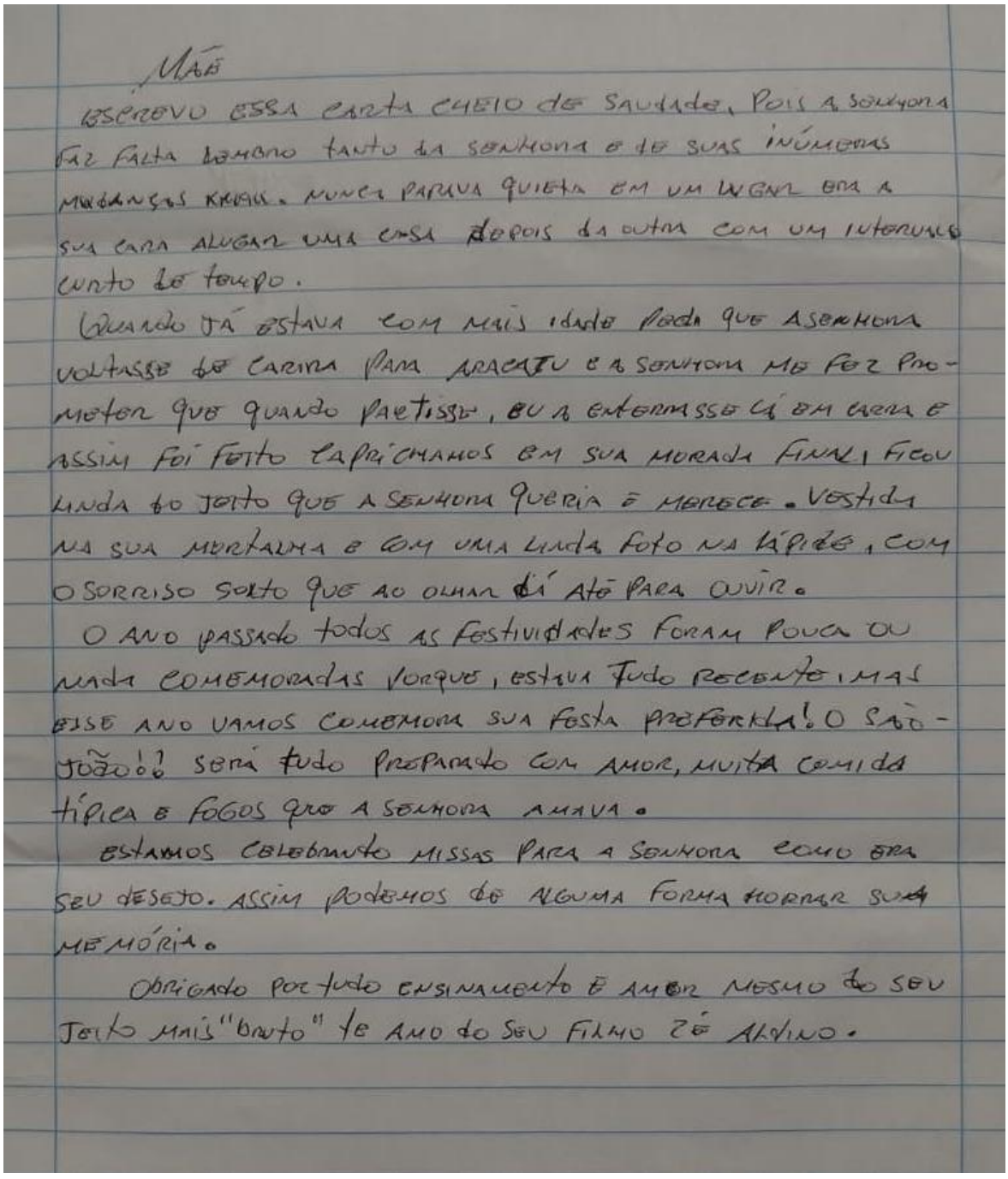
Ah!, não poderia esquecer de falar da sua alegria, das risadas atrás das quadrilhas no São João, das gargalhadas que a senhora dava rangando de algo ou alguém achando engraçado ou feio, ninguém escapava, sempre fazia e falava o que queria, não aceitava ser contrariada, ficava com raiva, gritava, mas depois passava, dava risada e tudo voltava ao normal, era assim que a senhora era, um ser humano único, alegre, conversadeira e especial do seu jeitinho.

Sou grata a Deus por tê-la como minha mãe e principalmente pela oportunidade de cuidar a senhora em sua velhice, sentia o seu amor quando me chamava de minha nega baratona, minha filhona bonita e dizia que eu parecia com a senhora. Quantas lembranças maravilhosas e saudades eternas.

Sempre te amei e te amarei enquanto eu viver minha mãezinha. Cuide de nós aí de cima.

Com todo amor e carinho, sua filha Ana Maria.

Carta de José Aldino, filho:



Mãe

Escrevo essa carta cheio de saudade. Pois a senhora faz falta demais tanto da senhora e de suas inúmeras mudanças kkkk. Nunca parava quieta em um lugar era a sua cara alugar uma casa depois da outra com um intervalo curto de tempo.

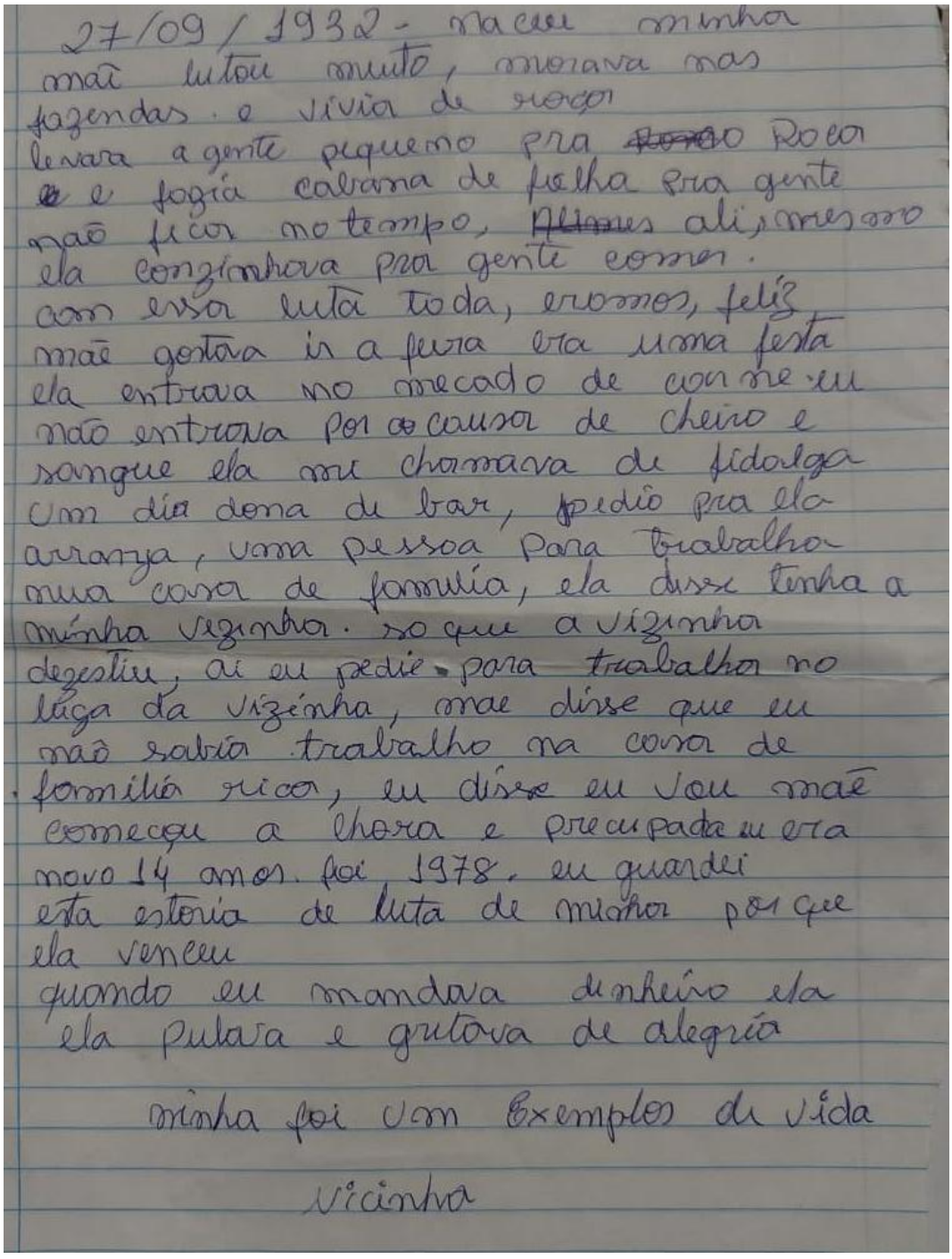
Quando já estava com mais idade pedia que a senhora voltasse de Carira para Aracaju e a senhora me fez prometer que quando partisse, eu a enterrasse lá em Carira e assim foi feito capricharmos em sua morada final, ficou linda do jeito que a senhora queria e merece. Vestida na sua mortalha e com uma linda foto na lápide, com o sorriso solto que ao olhar dá até para ouvir.

O ano passado todos as festividades foram pouca ou nada comemoradas porque, estava tudo recente, mas esse ano vamos comemorar sua festa preferida! O São-João!!! será tudo preparado com amor, muita comida típica e fogos que a senhora amava.

Estamos celebrando missas para a senhora como era seu desejo. Assim podemos de alguma forma honrar sua memória.

Obrigado por tudo ensinamento e amor mesmo do seu jeito mais "bruto" te amo do seu filho zé Aldino.

Carta de Maria Eunice, filha:

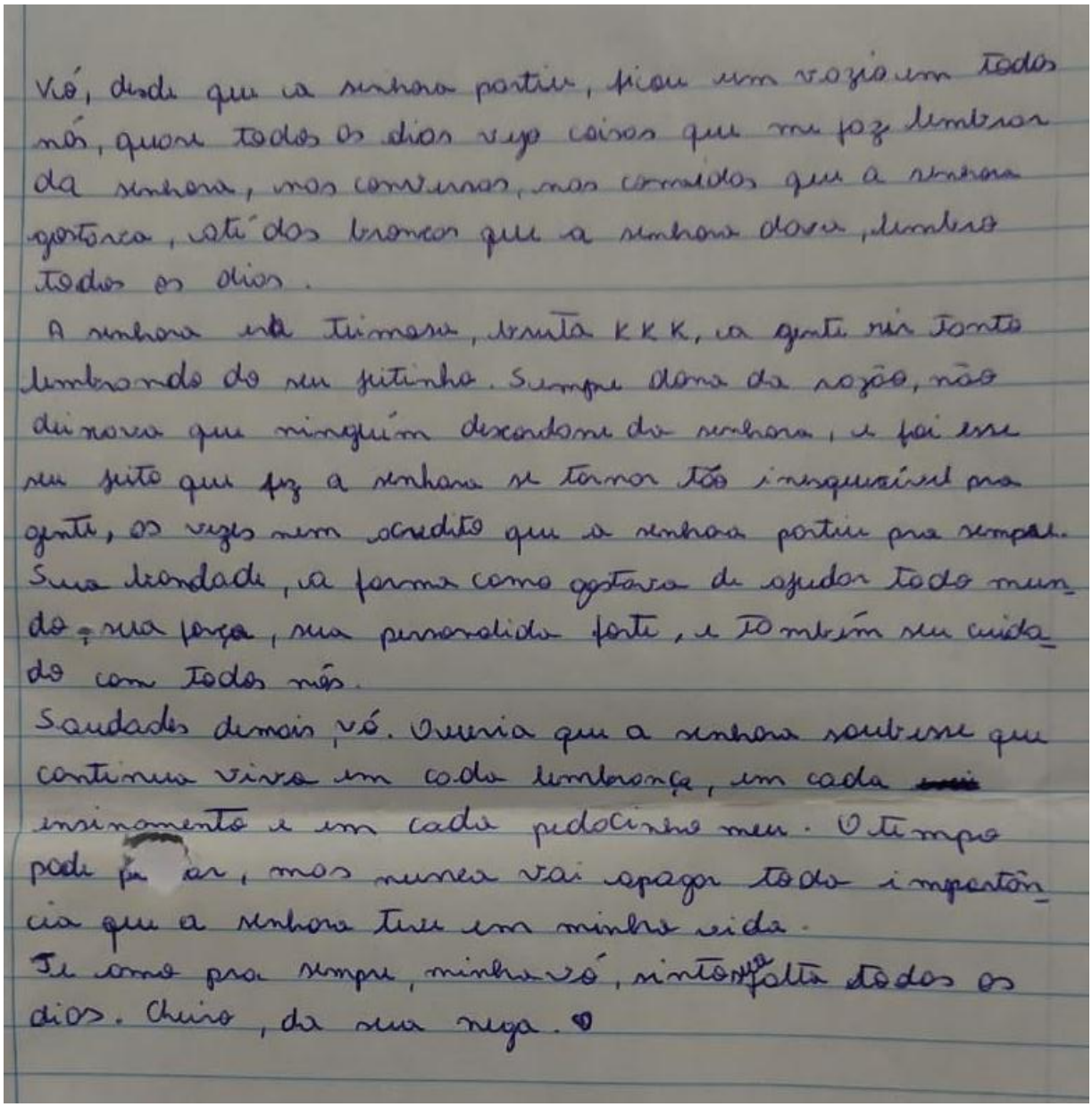


27/09/1932 - nasceu minha
mãe lutou muito, morava nas
fazendas. e vivia de roça
levava a gente pequeno pra Roça
e fogia cabana de folha pra gente
não ficar no tempo, ali, mesmo
ela cozinhava pra gente comer.
com essa luta toda, crescemos, feliz
mãe gostava ir a feira era uma festa
ela entrava no mercado de cor me eu
não entrava por a causa de cheiro e
sangue ela me chamava de fidalga
Um dia dona de bar, pedio pra ela
arranja, uma pessoa Para trabalhar
numa casa de familia, ela disse tinha a
minha vizinha. so que a vizinha
dezistiu, ai eu pedi para trabalhar no
luga da vizinha, mae disse que eu
não sabia trabalho na casa de
familia rico, eu disse eu vou mãe
começou a chora e preocupada eu era
novo 14 anos. foi 1978. eu guardei
esta estoria de luta de minha por que
ela venceu
quando eu mandava dinheiro ela
ela pulava e gritava de alegria

minha foi um Exemplos de vida

vicinha

Carta de Letycia, neta:



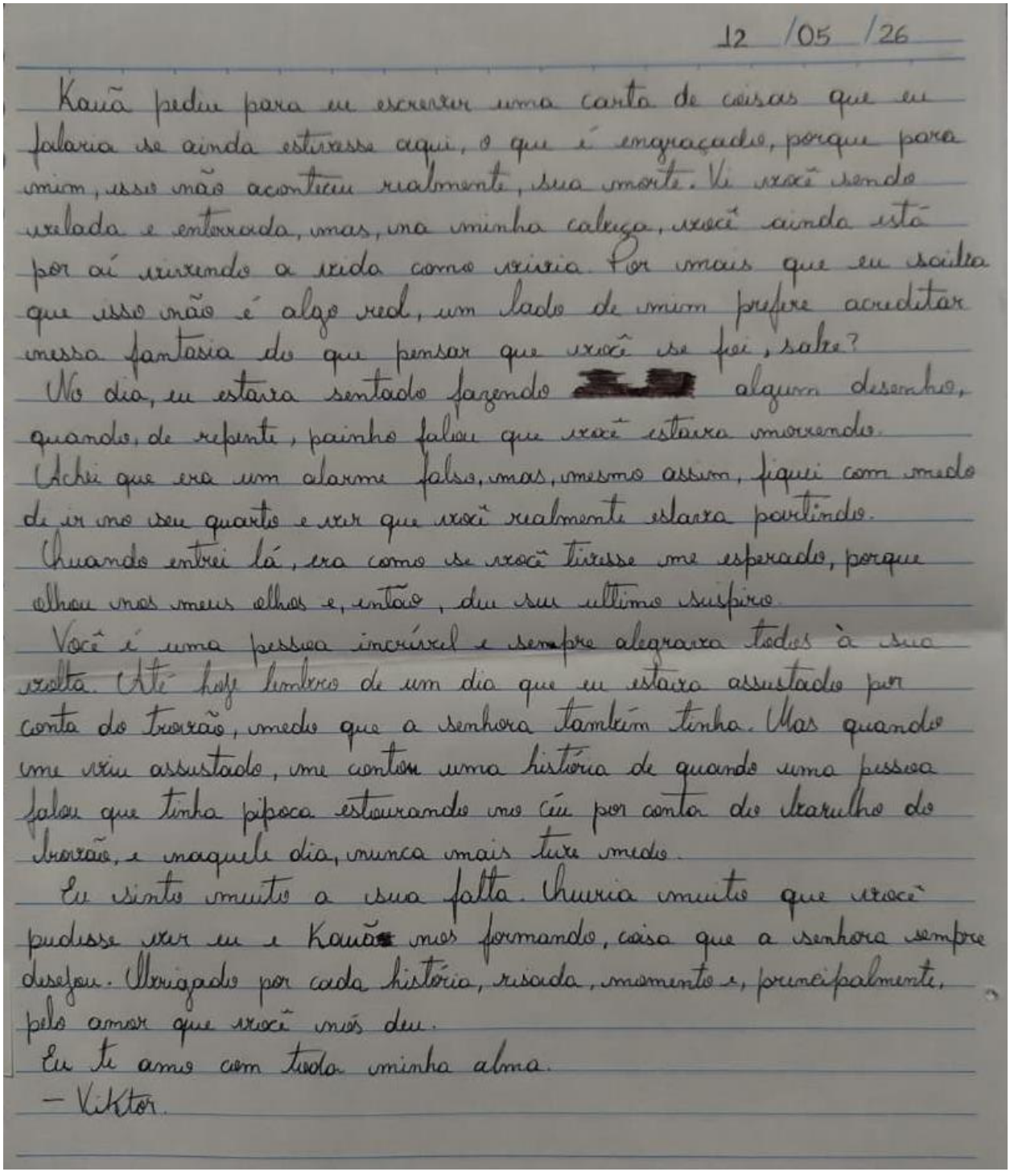
Vó, desde que a senhora partiu, ficou um vazio em todos nós, quase todos os dias vejo coisas que me faz lembrar da senhora, nas conversas, nas comidas que a senhora gostava, até dos brancos que a senhora dava, lembro todos os dias.

A senhora era tirana, brincava KKK, a gente ria tanto lembrando do seu jeitinho. Sempre dona da razão, não deixava que ninguém discordasse da senhora, e foi esse seu jeito que fez a senhora se tornar tão inesquecível pra gente, as vezes nem acredito que a senhora partiu pra sempre. Sua bondade, a forma como gostava de ajudar todo mundo, sua força, sua personalidade forte, e também seu cuidado com todos nós.

Saudades demais vó. Queria que a senhora soubesse que continua viva em cada lembrança, em cada ~~xxx~~ ensinamento e em cada pedacinho meu. O tempo pode passar, mas nunca vai apagar toda importância que a senhora teve em minha vida.

Te amo pra sempre, minha vó, sinto falta todos os dias. Cheiro, da sua neta. ♥

Carta de Viktor, neto:



12/05/26

Kauã pediu para eu escrever uma carta de coisas que eu falaria se ainda estivesse aqui, o que é engraçado, porque para mim, isso não aconteceu realmente, sua morte. Vi você sendo velada e enterrada, mas, na minha cabeça, você ainda está por aí vivendo a vida como vivia. Por mais que eu saiba que isso não é algo real, um lado de mim prefere acreditar nessa fantasia do que pensar que você se foi, sabe?

No dia, eu estava sentado fazendo [redacted] alguns desenhos, quando, de repente, painho falou que você estava morrendo. Achei que era um alarme falso, mas, mesmo assim, fiquei com medo de ir no seu quarto e ver que você realmente estava partindo.

Quando entrei lá, era como se você tivesse me esperado, porque olhou nos meus olhos e, então, deu seu último suspiro.

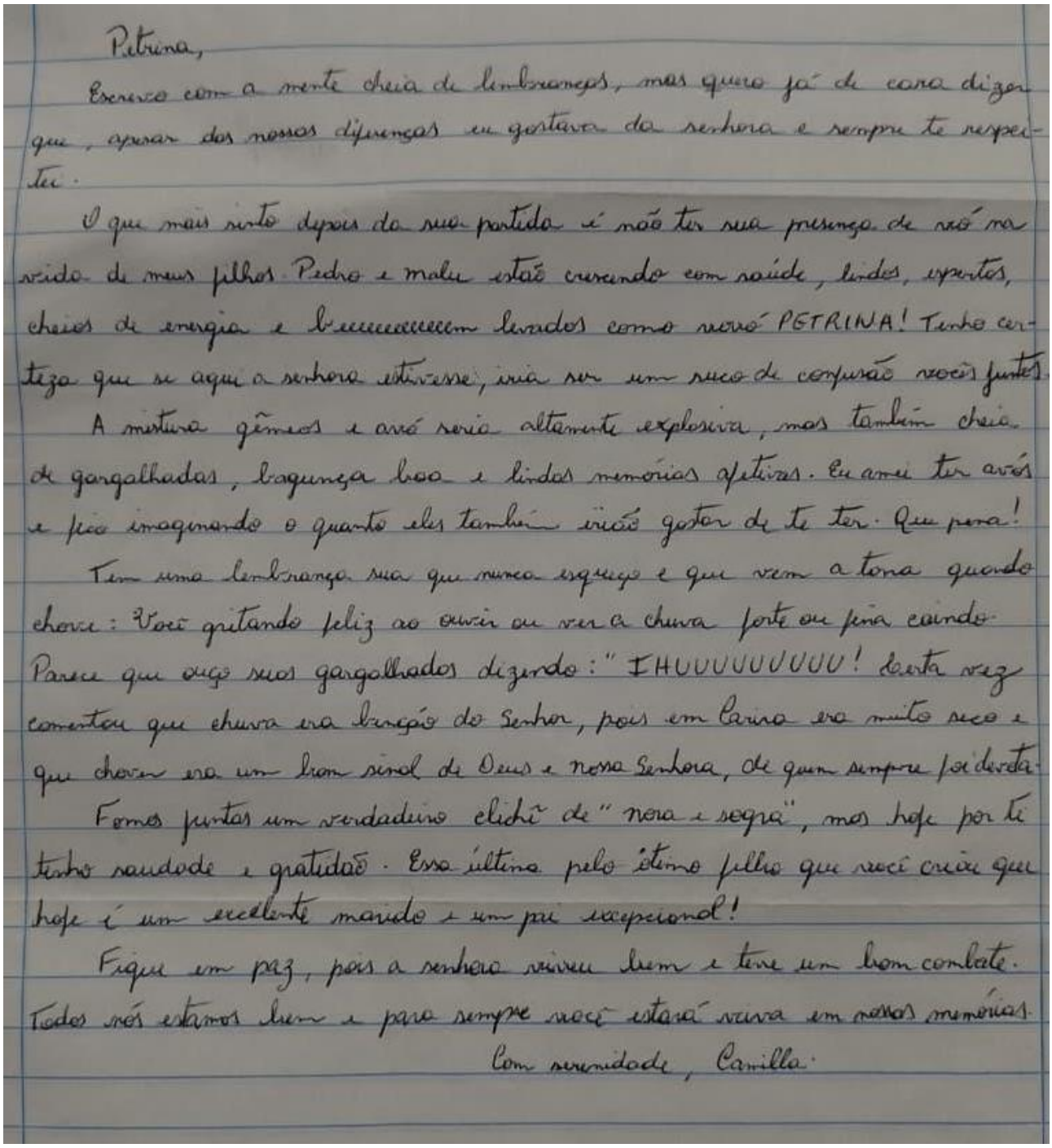
Você é uma pessoa incrível e sempre alegrava todos à sua volta. Até hoje lembro de um dia que eu estava assustado por conta do trovão, medo que a senhora também tinha. Mas quando me viu assustado, me contou uma história de quando uma pessoa falou que tinha pipoca estourando no céu por conta do barulho do trovão, e naquele dia, nunca mais tive medo.

Eu sinto muito a sua falta. Queria muito que você pudesse ver eu e Kauã nos formando, coisa que a senhora sempre desejou. Obrigado por cada história, risada, momento e, principalmente, pelo amor que você nos deu.

Eu te amo com toda minha alma.

– Viktor.

Carta de Camilla, Nora:



Petrina,

Escrevo com a mente cheia de lembranças, mas quero já de cara dizer que, apesar das nossas diferenças eu gostava da senhora e sempre te respeitei.

O que mais sinto depois da sua partida é não ter sua presença de vó na vida de meus filhos. Pedro e Malu estão crescendo com saúde, lindos, espertos, cheios de energia e bemmmmmm lindos como vovó PETRINA! Tenho certeza que se aqui a senhora estivesse, iria ser um ruco de confusão vocês juntos.

A mistura gênios e avó seria altamente explosiva, mas também cheia de gargalhadas, bagunça boa e lindas memórias afetivas. Eu amei ter avós e fico imaginando o quanto eles também iriáo gostar de te ter. Que pena!

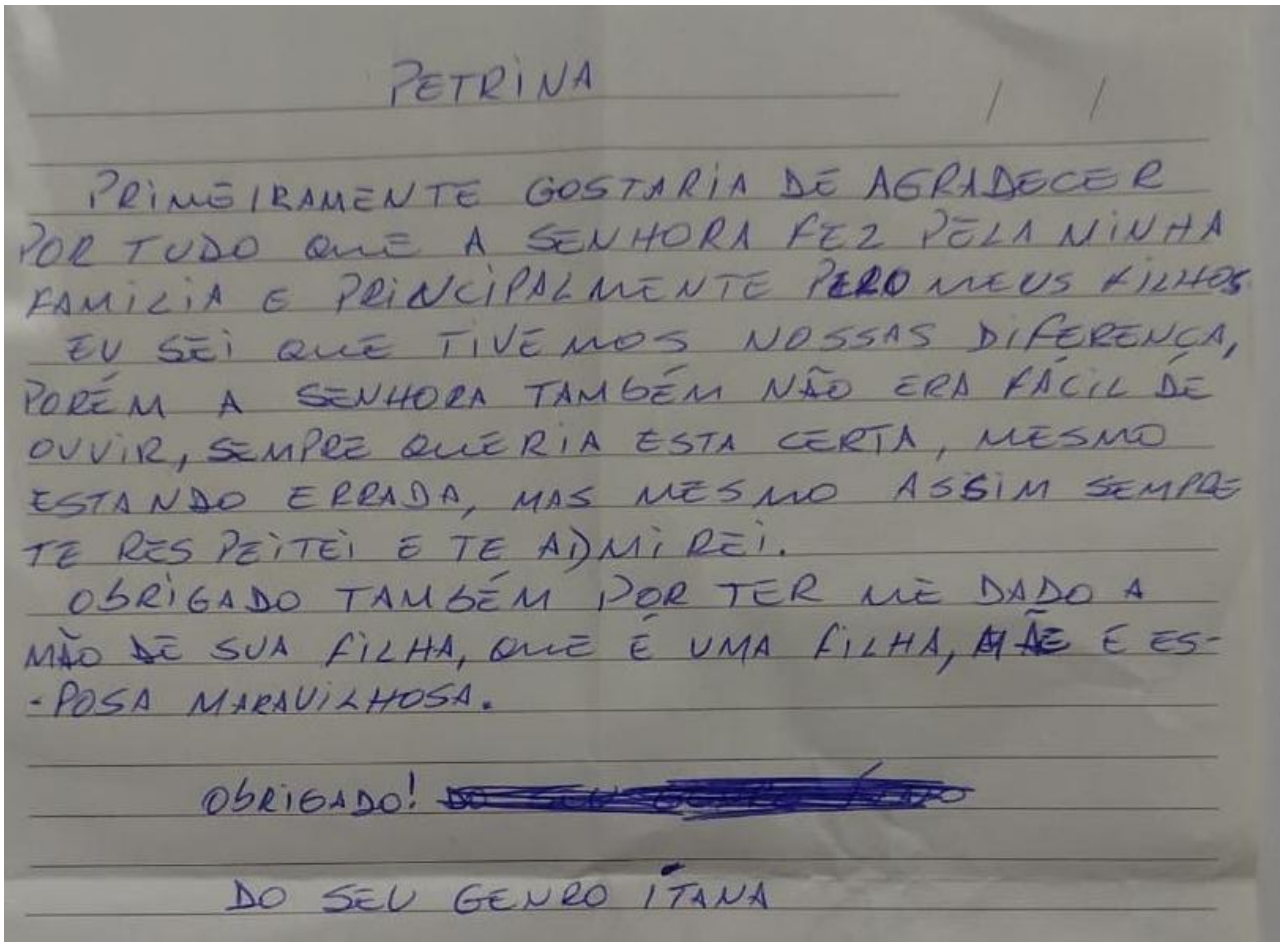
Tem uma lembrança sua que nunca esqueço e que vem a tona quando chove: Você gritando feliz ao ouvir ou ver a chuva forte ou fina caindo. Parece que ouço seus gargalhados dizendo: "IHUUUUUUUU! Certa vez comentou que chuva era bençáo do Senhor, pois em Carira era muito seco e que chover era um bom sinal de Deus e nossa Senhora, de quem sempre foi devota.

Fomos juntas um verdadeiro clichê de "nora e sogra", mas hoje por ti tenho saudade e gratidáo. Essa última pelo último filho que você criou que hoje é um excelente marido e um pai excepcional!

Fique em paz, pois a senhora viveu bem e teve um bom combate. Todos nós estamos bem e para sempre você estará viva em nossas memórias.

Com serenidade, Camilla.

Carta de Ítalo, genro:



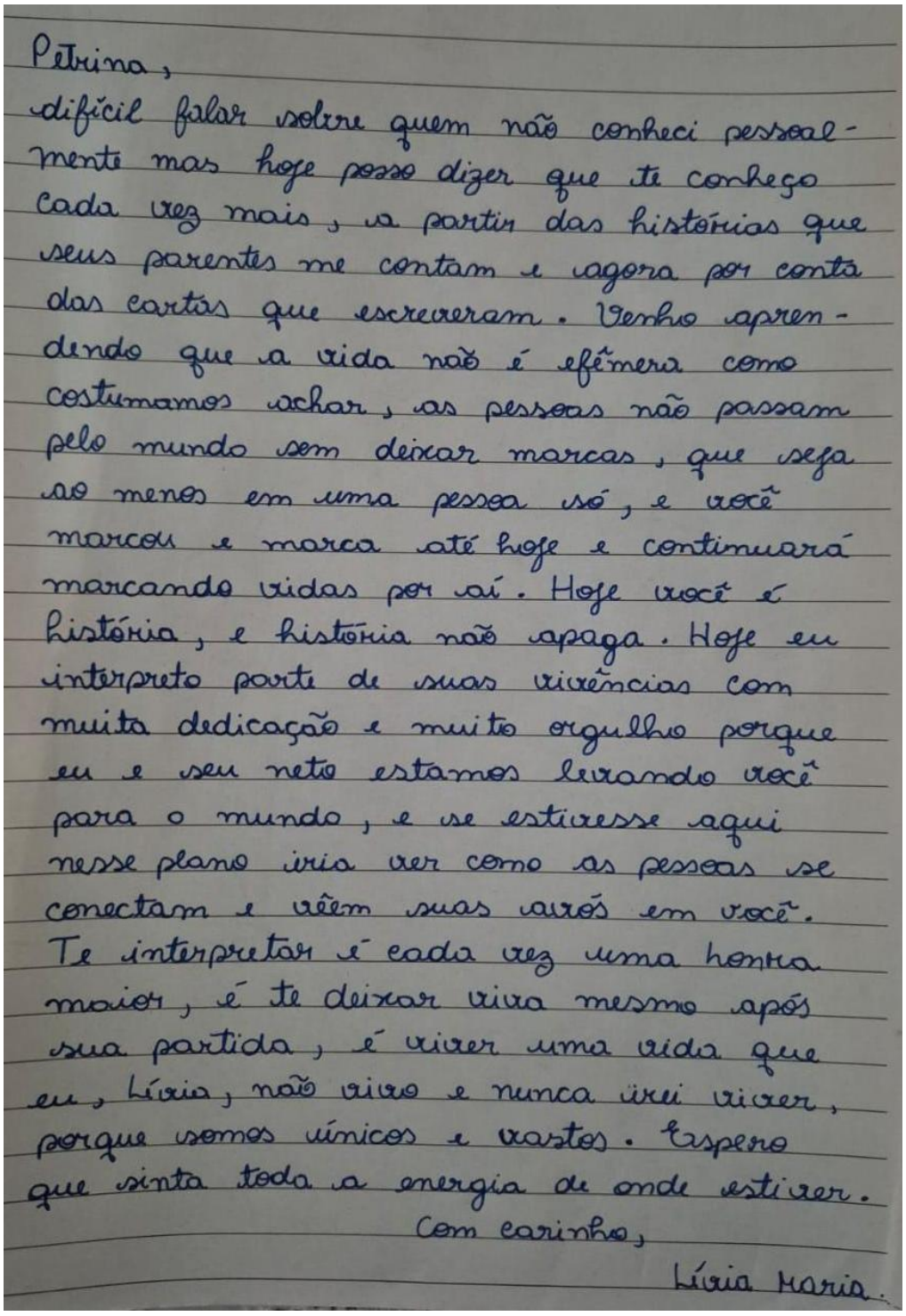
PETRINA

PRIMEIRAMENTE GOSTARIA DE AGRADECER POR TUDO QUE A SENHORA FEZ PELA MINHA FAMILIA E PRINCIPALMENTE PELO MEUS FILHOS
EU SEI QUE TIVEMOS NOSSAS DIFERENÇA, PORÉM A SENHORA TAMBÉM NÃO ERA FÁCIL DE OUVIR, SEMPRE QUERIA ESTA CERTA, MESMO ESTANDO ERRADA, MAS MESMO ASSIM SEMPRE TE RESPEITEI E TE ADMIREI.
OBRIGADO TAMBÉM POR TER ME DADO A MÃO DE SUA FILHA, QUE É UMA FILHA, MÃE E ESPOSA MARAVILHOSA.

OBRIGADO! [redacted]

DO SEU GENRO ÍTANA

Carta de Lívia Maria, Atriz:



Petrina,
difícil falar sobre quem não conheci pessoalmente mas hoje posso dizer que te conheço cada vez mais, a partir das histórias que seus parentes me contam e agora por conta das cartas que escreveram. Venho aprendendo que a vida não é efêmera como costumamos achar, as pessoas não passam pelo mundo sem deixar marcas, que seja ao menos em uma pessoa só, e você marcou e marca até hoje e continuará marcando vidas por aí. Hoje você é história, e história não apaga. Hoje eu interpreto parte de suas vivências com muita dedicação e muito orgulho porque eu e seu neto estamos levando você para o mundo, e se estivesse aqui nesse plano iria ver como as pessoas se conectam e vêem suas avós em você. Te interpretar é cada vez uma honra maior, é te deixar viva mesmo após sua partida, é viver uma vida que eu, Lívia, não vivo e nunca virei viver, porque somos únicos e vastos. Espero que sinta toda a energia de onde estiver.

Com carinho,

Lívia Maria.